

cooperação

em revista

 Sistema **Ocemg**
FECOOP SULENE | OCEMG | BESCOOP/MS

#01

ano 01
outubro 2023
sistemaocemg.coop.br

MERCADO

Nosso Estado é o segundo maior exportador do coop brasileiro

WCM'23

Fique por dentro do maior congresso de gestão cooperativista do Brasil

OPORTUNIDADE

Queijo cabacinha agora é patrimônio imaterial de Minas e promete movimentar novos negócios



DE MINAS PARA O MUNDO

Mostre ao mundo sua
contribuição para a
agenda 2030 da ONU

Não fique de fora dessa rede
de solidariedade e registre
a ação da sua cooperativa
no Dia C.

Mais informações acesse:
diac.minasgerais.coop.br

O Dia de Cooperar (Dia C) mostra que ser coop é compreender que o desenvolvimento econômico e social caminham lado a lado. Alinhado aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o movimento, só em Minas Gerais, já beneficiou mais de 14 milhões de pessoas com o auxílio de 490 mil voluntários. Os resultados demonstram o potencial do setor cooperativista para impulsionar ações de sustentabilidade por meio do voluntariado.



Dia
de Cooperar



SistemaOcemg

FECOOP SULENE | OCEMG | SESCOOP/MG

somoscoop

Mais perto de você!

O Sistema Ocemg segue firme no propósito de estar cada vez mais perto das cooperativas e, a partir de agora, teremos um encontro marcado com todas aqui nas páginas da **Cooperação em Revista**, publicação trimestral criada para valorizar o coop do nosso Estado, promover a troca de experiências e fomentar a intercooperação.

A revista que você tem agora, em mãos, tem o compromisso de mostrar um pouco do muito que as cooperativas mineiras têm feito pelo desenvolvimento das pessoas, das comunidades e da economia de Minas Gerais e do Brasil. Queremos que você encontre, nesta revista, um retrato do coop mineiro, na história de pessoas — como eu e você, cultivadores da cooperação. Vamos falar de sonhos, mudanças, prosperidade, protagonismo, ESG, inovação e futuro. Afinal, tudo isso faz parte do nosso DNA.

Este espaço também vai mostrar que não se constrói um paraíso social em cima de uma ruína econômica. Vamos destacar os resultados financeiros e as oportunidades de negócios capazes de trazer resultados e qualidade de vida para os nossos cooperados e para as comunidades onde estão inseridos.

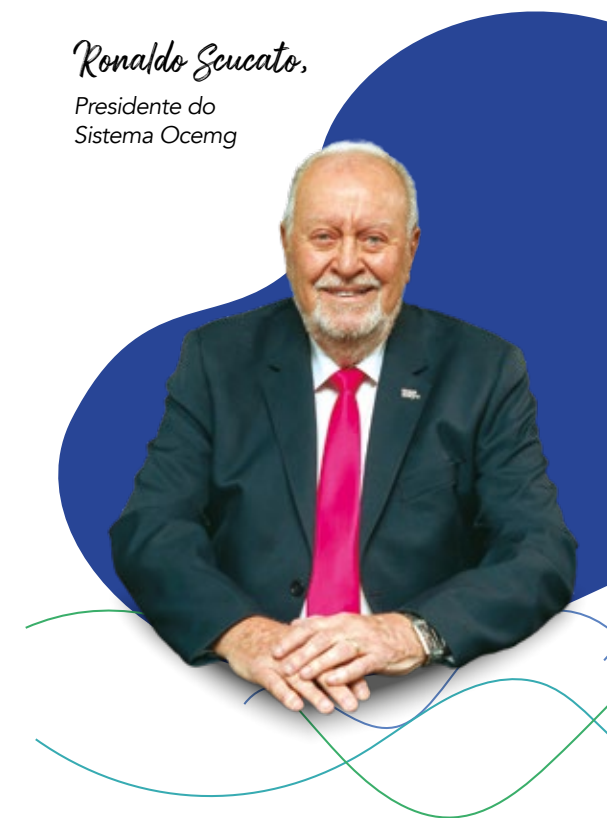
Deixei como dever de casa, para a equipe de comunicação do Sistema Ocemg, a tarefa de me trazer um retorno sobre essa primeira edição da nossa revista. Envie suas críticas, elogios e sugestões para o e-mail comunicacao@sistemaocemg.coop.br. Essa revista foi feita para você!

E a gente brevemente se encontra de novo.

Boa leitura!

Ronaldo Scucato,

Presidente do
Sistema Ocemg



Presidente do Sistema Ocemg
Ronaldo Scucato

Vice-Presidente
Samuel Flam

Conselho Diretor da Ocemg
Carlos Augusto Rodrigues de Melo
Evaldo Moreira de Matos
João Augusto Oliveira Fernandes
João Batista Bartoli de Noronha
Luiz Gonzaga Viana Lage
Luiz Otávio Fernandes de Andrade
Marcelo Candiotto Moreira de Carvalho
Marco Valério Araújo Brito
Maria das Mercês Quintão Fróes
Marlon Geraldo Vargas
Paulo César Gomes Guerra
Reginaldo Dias Machado
Ronaldo Siqueira Santos
Elson Rocha Justino
Jacson Guerra Araújo
Múcio Pereira Diniz
Ralph de Castro Junqueira

Conselho Fiscal da Ocemg
Márcio Olívio Villefort Pereira
Tatiana Campos Salles da Silva
Valdeci Costa Barbosa
Cristiano Felix dos Santos Silva
Dario Colares de Araújo Moreira
Itália de Mello Castro

Conselho de Ética da Ocemg
Eudes Arantes Magalhães
Ivan Lemos Brandão
Cáthia Costa Carvalho Rabelo
Guilherme Olinto Abreu Lima Resende
Jorge Nobuhico Kiryu

Presidente do SESCOOP-MG
Ronaldo Scucato

Superintendente
Alexandre Gatti Lages

Conselho Administrativo do SESCOOP-MG
Adalberto de Souza Lima
Garibaldi Mortoza Júnior
Raimundo Sérgio Campos
Fernando Romeiro de Cerqueira
César Augusto Mattos
Leonardo de Mello Brandão
Karla Brandão Lage
Tânia Regina Zanella

Conselho Fiscal - SESCOOP
Ramiro Rodrigues de Ávila Júnior
Ricardo Ferreira da Silva
Urias Geraldo de Sousa
Adarlan Rodrigues da Fonseca
Antenógenes Antônio da Silva Junior
Wander Luis Silva



#01
ano 01
outubro 2023

A revista **Cooperação** é uma publicação do Sistema Ocemg.

Gerente de Comunicação: Juliana Gomes
Analistas Responsáveis: Andrea Cândido e Vanessa Camila

Projeto Gráfico e Editorial
Farol Conteúdo Inteligente
Edição: Guaira Flor

Diagramação: Vanessa Farias
Reportagens: Alessandro Mendes, Débora Brito, Freddy Charlson, Lilian Beraldo, Luana Lourenço, Lucas Pavanelli, Luciana Vieira, Janaina Camelo, Priscila Mendes e Selma Figueiredo.

Fotografia: Arquivo do Sistema Ocemg, do Sistema OCB e de cooperativas

Impressão: Gráfica CS Eireli

Tiragem: 3 mil exemplares

O conteúdo desta publicação pode ser fonte de produção de outros conteúdos, desde que devidamente referenciado.

Sistema Ocemg
Rua Ceará, 771, Funcionários - BH - MG
Telefone: (31) 3025-7100
www.sistemaocemg.coop.br

SUMÁRIO



06 ENTREVISTA
Atitude de campeão

12 OURO DE MINAS
Em Minas, o agro é coop

18 CAPA
Cooperativismo fortalece cadeia produtiva do queijo cabacinha

30 ESPECIAL
WCM23: o cooperativismo em uma nova era

36 MERCADO
De Minas para o mundo

46 INOVAÇÃO
Conexão com o futuro

52 ESG
Crédito de carbono: um novo mercado para o coop

60 INTERCOOPERAÇÃO
Elo pelo social

66 SOMOSCOOP
Ser coop é diferencial competitivo

68 FUTURO
Inteligência artificial: da ficção para a realidade



Atitude de

campeão

Por Lílian Beraldo

Nem só de medalhas vivem os atletas. Antes de chegar ao pódio e ao tão sonhado resultado, é preciso perseverança, foco e resiliência. Se você acha que essas características são necessárias apenas para atletas de alta performance, você está enganado. Cada vez mais, esse também é o perfil esperado de quem deseja empreender e cooperar. Para crescer e prosperar, é preciso, antes de tudo, dedicação.

Especialista em pódios, o atleta olímpico Gustavo Borges sabe como a disciplina é importante tanto para o esporte quanto para o mundo dos negócios. Ele participou de quatro olimpíadas e é o nadador brasileiro com maior número de medalhas conquistadas em campeonatos internacionais: 35 no total. Aposentado das piscinas, ele busca mostrar como a excelência pode (e deve) ser buscada nos mais diferentes ramos de atuação.

Hoje, a vitoriosa carreira do atleta serve de inspiração para outros profissionais. Por esse motivo, ele é um dos palestrantes do *World Coop Management (WCM)* deste ano, que tem um tema para lá de inspirador: Criar, Agir e Vencer.

“Vou falar de atitude de campeão. Fazer um paralelo entre o mundo do esporte e o mundo dos empreendedores, das pessoas que trabalham com o objetivo de ter performance na vida. Seja no cooperativismo, seja no trabalho, no dia a dia, seja na empresa”, adiantou Gustavo, em entrevista exclusiva à **Cooperação em Revista**.

Nadador brasileiro com maior número de medalhas em campeonatos internacionais, Gustavo Borges acredita na cooperação e no jogo justo como ferramentas para vencer na vida e nos negócios

Veja, os principais trechos da entrevista:

Lições do esporte para os negócios

“O esporte acaba ensinando para os atletas competitivos e de alto rendimento uma visão de superação e de resiliência muito grande. Você precisa manter o foco, precisa manter a disciplina e é cobrado por resultado. As cooperativas precisam disso também. No dia a dia dos negócios, a gente enfrenta adversidades, tem de superar um problema ou um desafio grande. Nesse cenário complexo vivido pelas empresas, é preciso ser protagonista, ser ousado naquilo que você decide fazer e, acima de tudo, ser persistente para conquistar o que você desenhou no seu plano de negócios ou como objetivo pessoal.”

Trabalho em equipe

“Cooperação é fundamental dentro do trabalho em equipe. Quando você fala de trabalho em equipe você está falando de cooperação, de união, de companheirismo, de respeito, de honestidade. E tem um valor olímpico que é muito importante e está no dia a dia dos atletas, e também nas empresas, que é o *fair play*, ou seja, o jogo justo. A forma como você enfrenta os seus adversários de uma maneira educada, de uma maneira ética, de uma maneira íntegra.”



Intercooperação

“O grande diferencial entre você crescer ou ficar estagnado é cooperar ou não dentro da sua área de atuação. Vou dar um exemplo: eu participo da Associação Brasileira das Academias, já fui presidente, hoje estou na diretoria. Existe uma enorme cooperação entre os gestores, empresários e donos de academia para que a gente possa crescer. Cooperação parte desse princípio: de você se juntar, unir forças, para alcançar voos maiores e resultados melhores dentro do seu negócio. Por isso, a intercooperação é tão importante para o cooperativismo.”



Cooperação parte desse princípio: de você se juntar, unir forças, para alcançar voos maiores e resultados melhores dentro do seu negócio.”

Vivência com o cooperativismo

“Minha vivência dentro do cooperativismo vem do meu pai, com cooperativa agropecuária. Por causa dele e por conta do que aprendi como atleta, nos meus negócios sempre tive como foco cooperar. A gente sempre alçou mão de vários elementos do cooperativismo para poder crescer.”

Gestão de alta performance

“Tanto no esporte quanto na vida corporativa, quatro elementos são essenciais.

Primeiro: sempre subir o seu sarrafo. Ter objetivos altos, buscar se superar e buscar crescer dentro desses desafios, dessas metas que nós temos no nosso dia a dia.

Segundo: trabalhar com começo, meio e fim. Qualidade, firmeza e estrutura. Isso tem a ver com consistência. Se o cooperado está envolvido com consistência dentro do trabalho, ele vai chegar mais longe.

Terceiro: pensamento lá na frente, de longo prazo. A pergunta aqui seria: ‘qual é a sua olimpíada? Onde você quer chegar no final?’

O **quarto** não podia ser diferente, dentro do esporte ou na nossa vida profissional, é preciso ter ação imediata. O que a gente faz hoje constrói o nosso resultado. Como eu gosto de dizer, dentro da natação, a gente cresce um centésimo de segundo por vez. E cada centésimo de segundo é uma vitória a ser perseguida e comemorada.”

Acontece



VISÃO SOLIDÁRIA

Mais de 100 crianças de Coromandel e Patrocínio estão enxergando melhor graças à solidariedade de cooperados do Sicoob Coopacredi. Na 4ª edição do projeto "Veja um Mundo Melhor", realizado no âmbito do Dia C - Dia de Cooperar, voluntários entregaram 126 óculos a crianças das duas cidades e da zona rural. O projeto faz consultas e doa óculos de grau para estudantes da rede pública, com idade entre 4 e 10 anos. Em quatro edições, foram 3.030 atendimentos, 643 consultas e 262 óculos doados.



SISTEMA OCEMG NO YOUTUBE

Mais de 1 milhão de pessoas já visualizaram os conteúdos do canal do Sistema Ocemg no Youtube. Temos vídeos sobre as ações das cooperativas mineiras, programas sobre educação financeira, entrevistas, conteúdos especiais sobre o Dia C e muita informação sobre nossa atuação pelo crescimento e desenvolvimento do cooperativismo mineiro.



Acesse o QR Code e assista ao Sistema Ocemg no YouTube.

NOVO HOSPITAL UNIMED CIRCUITO DAS ÁGUAS

O novo Hospital Unimed Circuito das Águas, em São Lourenço, já está em plena operação. A unidade tem Pronto Atendimento para urgências e emergências, Centro de Diagnóstico por Imagem, Centro de Oncologia, Centro Cirúrgico e área de internação. Com tecnologia de ponta, equipe altamente capacitada e ambiente pensado para promover conforto, segurança e serviços de primeira qualidade, o hospital recebe pacientes de São Lourenço e cidades vizinhas, clientes do Sistema Unimed, de outros convênios e particulares.



CAFÉ SUSTENTÁVEL

A Expocacer – Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado, por meio do grupo composto por 12 cooperados, conquistou o selo Regenagri®, que confirma a continuidade das práticas que visam a preservação, proteção e conservação dos sistemas agrícolas e ecossistemas nos quais o café é cultivado. No total, serão 2.364 hectares de café certificado.

A cafeicultura regenerativa adota práticas que ajudam a preservar a saúde do solo, aumentar a biodiversidade, proteger recursos hídricos e promover a resiliência dos sistemas agrícolas. Entre as vantagens das práticas regenerativas estão a preservação da flora e fauna, redução de custos, diminuição da poluição, maior qualidade do café, maior resistência às mudanças climáticas e redução do desmatamento. O café com selo Regenagri® tem acesso às negociações comerciais mais éticas e justas, garantido sustentabilidade ao longo da cadeia produtiva.



Em Minas, o agro é coop

Como as cooperativas mineiras têm garantido participação no mercado nacional

Por Lucas Pavanelli

“Nesta terra, em se plantando, tudo dá”. A frase de Pero Vaz de Caminha, enviada ao rei de Portugal para comunicar a descoberta do que viria a ser o Brasil, é profética. Somos o terceiro maior produtor mundial de alimentos, o líder mundial na oferta de açúcar (da produção mundial) e o maior exportador de soja e carne bovina. Os dados são do estudo *O Agro no Brasil e no Mundo – edição 2022*, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Nos últimos 20 anos, entre 2002 e 2022, o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio quadruplicou, saltando de US\$ 122 bilhões para US\$ 500 bilhões. Neste mesmo período, de acordo com dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a safra de grãos passou de pouco mais de 120 milhões de sacas para 310 milhões. O crescimento de 258% contrasta com o tamanho da área plantada no país, que aumentou 76,5% no mesmo período.

Boa parte desse boom agrícola vivido no Brasil, nas últimas décadas, não vem apenas das grandes propriedades rurais. Ele encontra base sólida em pequenos e médios produtores e agricultores familiares que, cada vez mais, têm buscado no modelo cooperativista uma saída para escoar sua produção a preços competitivos e encontrar opções de financiamento para estruturar seus negócios com taxas mais amigáveis que as dos bancos comerciais.

Aqui, em Minas Gerais, as 193 cooperativas agropecuárias foram responsáveis por 21,9% do PIB do agronegócio no Estado. Destaque para as cooperativas de café, que beneficiam, de alguma maneira, 57% da produção mineira desses grãos. Os dados são do Anuário do Cooperativismo Mineiro 2023.

Intercooperação cafeira

Com mais de 18 mil cooperados, a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé (Cooxupé) abrange produtores de mais de 300 municípios produtores de café das regiões Sul de Minas, Cerrado mineiro, Média Mogiana Paulista e Matas de Minas. Em 2022, a cooperativa faturou mais de R\$ 10 bilhões e registrou lucro de R\$ 277,3 milhões – distribuindo mais de R\$ 56 milhões a seus cooperados.

Para se ter uma ideia do tamanho da economia movimentada pela Cooxupé no ano anterior, as 3,6 milhões de sacas recebidas por seus produtores associados representou 15% de toda a produção nacional de café arábica e 23% da produção deste tipo de produto em Minas Gerais. A cooperativa destaca os investimentos realizados em 2022 para aumentar os números de produção no futuro.

“Foram R\$ 113,2 milhões investidos no patrimônio dos cooperados, que incluem a abertura de núcleo em Manhuaçu, reformas e ampliações nos núcleos de Monte Santo de Minas e São Pedro da União e, também, no Complexo Japy, além da inauguração da nova sede da SMC Specialty Coffees. Este valor investido é o maior da história da cooperativa”, afirma Carlos Augusto Rodrigues de Melo, presidente da Cooxupé.

Outro ponto de destaque é a abertura nos mercados estrangeiros (veja matéria da página 36). Em 2022, a Cooxupé embarcou para os mercados interno e externo 6,8 milhões de sacas de café arábica. Somente com as exportações, foram 5,6 milhões de sacas para clientes de 50 países.

O café também é o principal produto entre os 8 mil cooperados ativos da Cooperativa Agroindustrial de Varginha (Minasul), espalhados entre 250 municípios das regiões Sul e Sudoeste de Minas Gerais. De acordo com o diretor financeiro e administrativo, Marcelo Ramos, um dos diferenciais é a “intercooperação”, quando cooperativas fazem negócios entre elas, comprando e vendendo produtos.

“Temos participação na Central de Cooperativas de Cafeicultores e Agropecuaristas de Minas Gerais (Coccamig), juntamente com outras 16 cooperativas da região, e temos negócios em conjunto”, diz o porta-voz da Minasul, complementando que, em 2022, a entidade registrou faturamento bruto de R\$ 1,6 bilhão com mais de 1,2 milhão de sacas de café recebidas e processadas — um quinto desse total foi vendida para clientes de 30 países.



Cada vez mais [as cooperativas] se fortalecem como um sistema que dá certo, pois dá voz e oportunidade para os pequenos proprietários entregarem sua produção e fazer seus negócios com total transparência e solidez.”

Marcelo Ramos,
diretor financeiro
e administrativo da Minasul



“Cada vez mais [as cooperativas] se fortalecem como um sistema que dá certo, pois dá voz e oportunidade para os pequenos proprietários entregarem sua produção e fazer seus negócios com total transparência e solidez. Proporciona a oportunidade de crédito para todos, não importando o tamanho, e com tarifas e custos reduzidos”, explica Marcelo.

Mas o que justificaria o sucesso financeiro dos sistemas de cooperativas em um cenário tão adverso, como o da pandemia, que afetou diversos setores da economia desde o início de 2020? Para o professor Lúcio Caldeira, representante da Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Três Pontas (Cocatrel), o diferencial é a filosofia que rege o sistema.

“O cooperativismo é uma filosofia econômica e social que coloca as pessoas no centro das decisões e operações. Baseado em princípios de livre adesão voluntária, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, o cooperativismo tem apresentado crescimento em diversas áreas, como os ramos agropecuários, crédito, saúde, transporte e outros. Trata-se de um sistema em que o cooperado é dono e pela força da união consegue benefícios no momento de compra de insumos e venda dos produtos agrícolas”, comenta.

Desafios para o futuro

Se o sistema de cooperativas possui uma filosofia própria, muitas vezes distante do mercado que o cerca, a avaliação é que, também, é importante trazer ensinamentos dos ambientes externos para ajudar a guiar o crescimento dos cooperados. No caso da Cooxupé, por exemplo, há um planejamento estratégico baseado na definição de metas e prazos claros.

“Este Planejamento Estratégico direciona cooperativas e cooperados a segui-

rem passos certos, além de trabalhar em ações que geram maior valor agregado e qualidade de vida à família Cooxupé”, afirma o presidente Carlos Augusto Rodrigues de Melo. Para ele, os principais desafios para o futuro também são os compartilhados por companhias fora do sistema coop, como a pauta ESG — sigla em inglês para sustentabilidade ambiental, social e de governança corporativa.

Para Marcelo Ramos, da Minasul, o principal desafio para o futuro é profissionalizar o sistema, mas sem perder os valores do cooperativismo.

“A maioria dos nossos cooperados são pequenos ou médios proprietários, mas grandes produtores na essência, e precisamos fazer com que eles consigam ter um atendimento aqui dentro, em todas as suas necessidades, seja na assistência técnica, comprando produtos ou insumos de qualidade com preços mais baixos, numa venda de sua produção com preços mais altos e, principalmente, consigam o crédito necessário para seus negócios”. ▶

Participação das Cooperativas na Produção do Café

	2018	2019	2020	2021	2022
Minas Gerais em relação ao Brasil	54,1%	49,8%	54,9%	46,4%	43,1%
Cooperativas Mineiras em relação ao Brasil	25,8%	34,4%	31,2%	27,2%	24,6%
Cooperativas Mineiras em relação à Minas Gerais	47,8%	69,0%	56,8%	58,7%	57,0%

NÚMEROS DO COOPERATIVISMO AGROPECUÁRIO EM MINAS



190 mil
cooperados

19,1 mil
empregados

193
cooperativas



R\$ 44,8 bilhões
de movimentação econômica

Fonte: <https://anuariomineiro.coop.br/ramo/agropecuario/>

Cooperativismo fortalece cadeia produtiva do *queijo cabacinha*

Produzida há mais de 80 anos, iguaria é promessa de desenvolvimento econômico para 160 famílias do Vale do Jequitinhonha

Por Luciana Vieira

Quando ainda era menina, no Vale do Jequitinhonha, Cleonice Rodrigues Pereira, 42 anos, morava em uma fazenda de gado leiteiro, onde o pai trabalhava como caseiro. Vez ou outra, o patrão oferecia à família pequenas quantidades de leite. Com o que recebia, o pai fazia um queijo diferente, que era posto para secar pendurado, em cordas, adquirindo o formato de uma cabaça. Encantada com a produção artesanal da iguaria, Cleonice começou a seguir os passos do pai. Ainda pequena, subia em um tamborete improvisado, feito com uma tora de árvore, para usar o fogão e produzir o chamado queijo cabacinha.

Desde então, ela foi se especializando na produção do queijo, que hoje garante o sustento da família, formada por ela, o marido, Adilson de Souza, 44, e os filhos Iury e Wellington, respectivamente com 20 e 23 anos.

Na propriedade de Cleonice, a produção do cabacinha é familiar. O esposo e o filho mais novo vão para o sítio cuidar do gado, fazer a ordenha das vacas e preparar a massa. Cleonice fica na cidade, onde vende o queijo na barraca da família, instalada às margens da BR 116. Morando a apenas 40 metros do ponto de vendas, ela consegue correr para casa e fazer mais massa para completar o estoque.



O queijo cabacinha é tudo para mim. É com ele que pudemos conquistar tudo o que temos.”

Cleonice Rodrigues Pereira



“O queijo cabacinha é tudo para mim. É com ele que nos sustentamos e com ele pudemos conquistar tudo o que temos. Eu só tenho que agradecer a Deus pela oportunidade de produzir esse queijo, que é a marca da nossa região”, diz com ar de satisfação.

Apesar de ser produzido há mais de 80 anos no Vale do Jequitinhonha, até hoje o cabacinha não tem certificação nem licença para ser comercializado em grandes comércios. Mas esta história está prestes a mudar. Em julho deste ano, ele ganhou o título de patrimônio cultural e imaterial de Minas Gerais, reconhecimento que promete abrir novas oportunidades para Cleonice e para outras 160 famílias do Vale do Jequitinhonha.

Mãe do queijo cabacinha

Sempre em busca de novos mercados para as cooperativas e de caminhos para estimular o desenvolvimento sustentável do nosso Estado, o Sistema Ocemg tem apoiado os produtores da região a se organizarem para crescer.

“Temos orgulho desse trabalho que está sendo feito pelo Sistema Ocemg com os produtores do Vale do Jequitinhonha para a organização da cadeia produtiva do queijo cabacinha”. lembra Fabiana Rocha, analista de Educação e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Ocemg.



“Temos orgulho desse trabalho que está sendo feito pelo Sistema Ocemg com os produtores do Vale do Jequinhonha para a organização da cadeia produtiva do queijo cabacinha.”

*Fabiana Rocha,
analista de Educação e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Ocemg.*

A Casa do Cooperativismo Mineiro também está contribuindo fortemente para a conquista da Indicação Geográfica. “Já foi repassado o passo a passo para entrar com o pedido no INPI”, lembra Fabiana Rocha. Além de ser um diferencial competitivo, esse registro é a única forma de garantir o uso exclusivo e o controle de uma marca em território nacional e internacional.

“O Sistema Ocemg está conosco desde o começo desse processo. Ele disponibilizou profissionais gabaritados, que nos estimularam. Se esbarramos em qualquer dificuldade, eles nos conduzem e apresentam o caminho certo a seguir. Costumo dizer que a Ocemg é a mãe do queijo cabacinha”, enfatiza José Valério Filho, produtor da região.

Para completar, a Casa do Cooperativismo Mineiro tem trabalhado para auxiliar os produtores no processo de certificação e legalização do queijo, com a mobilização de entidades parceiras, como a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas (Emater), o Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) e o Sicoob Credivale. Em breve, será feito o pedido de regulamentação do queijo na Secretaria de Estado de Agricultura e Pecuária (Seapa).

“Acreditamos que desenvolver a cadeia produtiva do queijo cabacinha é desenvolver a região, é produzir renda”, explicou Izabella Amaral Sousa, responsável pelo Investimento Social do Sicoob Credivale.

Satisfeito com o apoio recebido do Sistema Ocemg, José Valério quer estreitar ainda mais os laços com o cooperativismo.



“Acreditamos que desenvolver a cadeia produtiva do queijo cabacinha é desenvolver a região, é produzir renda.”

*Izabella Amaral Sousa,
responsável pelo Investimento Social do Sicoob Credivale*



Meu sonho é ver o cabacinha se destacar o quanto antes, para que produza emprego e renda para a nossa região tão castigada. Desejo que as pessoas não precisem mais sair do Vale em busca de melhor qualidade de vida.”

*Paloma Barbosa,
produtora de queijo e esposa de José Valério*



Desenvolvimento em foco

Antes de ser incorporada ao território mineiro, no final do século XVIII, a região do Vale do Jequitinhonha pertencia à Bahia. Mesmo tendo um histórico de prosperidade, graças à produção de diamantes, a região é conhecida pelos seus baixos indicadores sociais. Lá, uma parcela da população vive em extrema pobreza. Por isso, é tão importante promover ações que estimulem o desenvolvimento da região.

“Meu sonho é ver o cabacinha se destacar o quanto antes, para que produza emprego e renda para a nossa região tão castigada. Desejo que as pessoas não precisem mais sair do Vale em busca de melhor qualidade de vida; que encontrem aqui mesmo o sustento de suas famílias e que as gerações mais jovens sintam orgulho de onde estamos e planejem o seu futuro, vivendo aqui mesmo”, conta, emocionada, Paloma Barbosa, produtora de queijo e esposa de José Valério.

A jovem Elaine Rodrigues, 19, é a prova do potencial que o cabacinha tem para trazer desenvolvimento para o Vale do Jequitinhonha. Até o último mês de maio, ela fazia limpeza em casas de família e conseguia ganhar, no máximo, R\$ 200 por semana. Agora, em seu primeiro emprego formal em uma fazenda de produção de queijo, ela passou a receber R\$ 1.400 por mês. Contratada há apenas três meses, ela conseguiu comprar, no final de setembro, seu primeiro bem: uma moto.

Feliz da vida, ela ainda está sem acreditar no que está vivendo. “Meu trabalho significa tudo para mim. Eu nunca me imaginei fazendo parte de algo tão importante, como a produção do queijo cabacinha. Eu nunca pensei em chegar até aqui. Jamais pensei, tão nova, ter uma moto, comprada com meu próprio dinheiro”, diz.



De pais para filhos

Uma das principais características do queijo cabacinha é a produção artesanal e, na maioria dos casos, a receita atravessa gerações. Adriana Rocha, 47 anos, é um exemplo. A produtora acorda todos os dias às 5h30 da manhã. Depois de preparar o café para a família, ela começa o seu trabalho na produção do queijo, ofício que exerce há 22 anos. A tradicional receita do queijo cabacinha foi passada por sua mãe, que também era produtora desde o início dos anos 80.

A clientela da Adriana está em Pedra Azul. Às segundas-feiras, quintas e sábados, ela muda de função. A fabricação dá lugar à entrega do produto no município. Cerca de 100 peças de cabacinha vão para clientes certos, que fazem encomenda toda a semana. Por conta disso, Adriana não dispõe de mercadoria para pronta-entrega. "Sou muito grata à minha mãe por ter me ensinado este ofício, que significa muito para mim e para a minha família", observa.

Para produzir cada peça de queijo cabacinha, são necessários cinco litros de leite. E as onze vaquinhas do sítio garantem a matéria-prima. "Antes, nós fazíamos 50 peças por dia, porque comprávamos leite de fornecedores, mas foi ficando muito caro e mais difícil seguir assim", lembra.

Em 2016, o marido da Adriana, Renato Rocha, viu o potencial do mercado e deixou o emprego como motorista para ajudar a esposa. Se ele se arrepende? "De jeito nenhum. O nosso queijo já chegou até aos Estados Unidos",

comemora. "Minha sogra sempre me dizia, 'o pouco com Deus é muito', para me fazer acreditar no potencial do queijo cabacinha. Renato destaca que trabalhar com o queijo lhe permitiu ficar mais perto da família e participar da criação dos filhos, de 11 e 14 anos.

Outro que herdou a receita de família é Vagner Pereira Abade, conhecido em Pedra Azul como Vá do Queijo. Filho de pai vaqueiro, a mãe produzia o cabacinha para comerem em família. Aos 10 anos, o pai dele perdeu a visão e, por isso, o dono da fazenda lhe deu um pedaço de terra, onde eles começaram a fazer queijo cabacinha para vender. Aos 18 anos, Vá do Queijo foi trabalhar em uma multinacional em Salvador, na Bahia, especialista em comercializar queijos de dezenas de países. "Lá, eu cheguei a conhecer cerca de 200 tipos de queijo, entre eles, alemães, argentinos, islandeses", recorda.

No ano 2000, porém, a empresa faliu e ele voltou para o Vale do Jequitinhonha, onde começou a ajudar a mãe na produção. Com os conhecimentos adquiridos na Bahia, ele inovou na produção. O queijo, da marca Abade, é fabricado por ele na Fazenda Bom Jardim. A empresa produz em torno de 500 peças de cabacinha por dia, faturando cerca de R\$ 200 mil por mês.

As vendas começaram na BR 116 para os caminhoneiros que transitam na via. Muitos deles compram a mercadoria, levam para casa e suas esposas revendem o produto nas cidades onde moram, fazendo com que o queijo seja conhecido em todo o País.



Curiosidade



Essencialmente artesanal, o queijo cabacinha é feito com leite cru. Pelo processo de geleificação — com a adição de coagulante, coalho ou soro fermentado — ocorre a coagulação, que muda a estrutura da caseína, principal proteína do leite, transformando o líquido em coalhada.

Depois da mexedura e aquecimento, a liberação do soro é intensificada com a divisão da massa. O passo seguinte é a fermentação, com duração de 12 a 24 horas.

Em seguida, após um mergulho da peça na água quente, a massa é modelada com as mãos, que dão o formato de cabaça, por isso recebe o nome de queijo cabacinha. Por fim, o produto passa por um período de cura, quando é pendurado para secar.



Entenda o processo de certificação do cabacinha

A Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig) está desenvolvendo um projeto de pesquisa para caracterizar o queijo cabacinha, com levantamento das características microbiológicas físico-químicas e sensoriais. O resultado da pesquisa será a base para o Instituto Mineiro de Agropecuária (Ima) criar o regulamento técnico de identidade e qualidade para que as queijarias sejam certificadas.

No momento, eles estão trabalhando em cima do levantamento feito pela Emater relacionado à caracterização da região, que identificou a tradição, clima, aspectos climáticos, vegetação e criou a base regional de onde e como o queijo é fabricado.

“Já temos iniciada a parte da caracterização sensorial, onde usamos técnica de grupo focal com diferentes públicos. Estamos trabalhando primeiro com os extensionistas da Emater, que estão sempre em contato com os produtores e conhecem bem os queijos. A segunda etapa será com o público dos próprios produtores e a terceira fase será de potenciais consumidores. Só aí nós teremos a caracterização sensorial propriamente dita do queijo”, explica Daniel Arantes, coordenador da pesquisa feita pela Epamig.

Para a parte de caracterização físico-química e microbiológica, a instituição irá aguardar o resultado das primeiras coletas de salmoura, soro-fermento, da massa fermentada e filada, além do queijo pronto, a serem realizadas na primeira semana de outubro. Sob a coordenação da Epamig, as análises serão realizadas em diferentes laboratórios, com parcerias com a universidades mineiras.

As amostras serão coletadas em 30 queijarias. No período das chuvas, entre janeiro e março, o procedimento se repetirá, para que o processo de caracterização tenha informações de diferentes épocas do ano.

“A partir do momento que o queijo é produzido sob algum sistema oficial de inspeção, o produto pode ser comercializado em mercados formais, como supermercados, por exemplo. Com a mercadoria formalizada, os produtores podem obter lucros maiores, com um significativo valor agregado, além da possibilidade de alcançar mercados de outras regiões do Brasil e do mundo”, ressalta o diretor da Seapa, Ranier Chaves Figueiredo.

A previsão é que, até o final do primeiro semestre de 2024, o queijo cabacinha já tenha a certificação. ▶

wcm23

o cooperativismo em uma nova era

Em dois dias de congresso, líderes cooperativistas imersos num ambiente de conhecimento e desenvolvimento exponencial

Por Priscila Mendes

O maior congresso de liderança e cooperativismo da América Latina vai desembarcar em Belo Horizonte, Minas Gerais, nos dias 16 e 17 de outubro de 2023. É o *World Coop Management (WCM'23)*, que na 9ª edição, deverá receber mais de 2.000 congressistas brasileiros e estrangeiros, no coração da capital mineira, no Centro de Convenções Minascentro.

O evento gira em torno de três eixos: **CRIAR, AGIR e VENCER**. Ações que visam o desenvolvimento exponencial dos participantes e vão ao encontro do cooperativismo brasileiro, que tem fundamental influência no crescimento econômico do país.

“Reconhecemos que o crescimento do cooperativismo está diretamente ligado à capacitação dos executivos e líderes cooperativistas. Por isso, decidimos criar um congresso abrangente, que reúna líderes renomados do setor cooperativo, com o objetivo de impulsionar ainda mais esse desenvolvimento”, destacou Luiz Branco, fundador do WCM.

Segundo ele, o congresso foi projetado com a proposta de trabalhar de uma maneira transversal os temas: estratégia, inovação, sustentabilidade, tecnologia, liderança, gestão, etc.

“É importante destacar que muitos cooperativistas e líderes têm origens profissionais específicas, como médicos ou agricultores, e embora sejam especialistas em seus campos, também necessitam de conhecimentos sólidos em gestão e liderança para administrar as cooperativas e entidades de forma eficaz”, ressaltou Branco.

INVESTIMENTO EM PESSOAS

O Sistema Ocemg apoia e participa do *World Coop Management* desde a primeira edição do congresso, em 2015. De acordo com o presidente da Casa do Cooperativismo Mineiro, Ronaldo Scucato, o ambiente de negócios cooperativistas demanda atualização permanente de seus profissionais.

“A capacitação das pessoas é o caminho para que possamos alcançar sempre mais e melhores resultados”, explica Scucato. “Se tivermos um time de excelência, com pessoas preparadas e com visão de longo prazo, ficará mais fácil enfrentar as mudanças de um mundo cada vez mais volátil, incerto e competitivo. É por isso que precisamos estar atentos ao nosso capital humano. É a partir dele que conseguiremos seguir por caminhos mais seguros, em conjunto, firmes e em prol do desenvolvimento do cooperativismo e das comunidades onde atuamos”.

CRIAR, AGIR E VENCER

PROGRAMAÇÃO PREPARADA PARA O DESENVOLVIMENTO EXPONENCIAL DOS PARTICIPANTES

Dia 1 - Criar

OBJETIVOS:

gerar ideias inovadoras
+ inspirar-se em grandes pensadores + conhecer tendências mundiais de gestão
+ formação de lideranças de alta performance

Dia 2 - Agir e Vencer

Painéis dedicados ao aprofundamento de vivências, que serão conectados ao mundo prático das cooperativas. É neste momento que os líderes e os gestores entenderão como as ideias poderão ser aplicadas nas cooperativas que representam.

OBJETIVO:

Pensar em maneiras de colocar em prática os conhecimentos adquiridos no dia anterior

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO

O WCM'23 no metaverso

O grande diferencial da edição do WCM'23 será a introdução do metaverso (ambiente que integra dois mundos: real e virtual). Será o primeiro congresso do setor com um formato híbrido, que trará experiência inovadora, com a criação de um metaverso exclusivo para o evento. Neste ambiente, os participantes criarão avatares (uma representação no mundo virtual), onde poderão explorar os ambientes de forma

interativa, assistir às palestras na plataforma virtual e visitar estandes dos patrocinadores que serão reproduzidos no metaverso. A expectativa é que só no metaverso sejam reunidos 10 mil conferencistas, totalizando um público de 12 mil pessoas, ao considerar os participantes no evento presencial e no ambiente virtual.

Palestrantes com notoriedade

O WCM'23 reunirá, em um só espaço, presidentes e dirigentes do setor cooperativo brasileiro com grandes players do mercado. As lideranças cooperativistas vão interagir com personalidades reconhecidas em seus segmentos, aumentando o networking e conhecimento, além de promover oportunidades de negócios.

A curadoria do WCM se concentrou em selecionar palestrantes e tópicos de diversas áreas que fossem inspiradores, destinados a gerar ideias e motivar os participantes. Serão cinco palcos que, juntos, reunirão mais de 100 pensadores e palestrantes brasileiros e estrangeiros.

WCM 23 EM NÚMEROS



5 palcos



+2.000 participantes presenciais



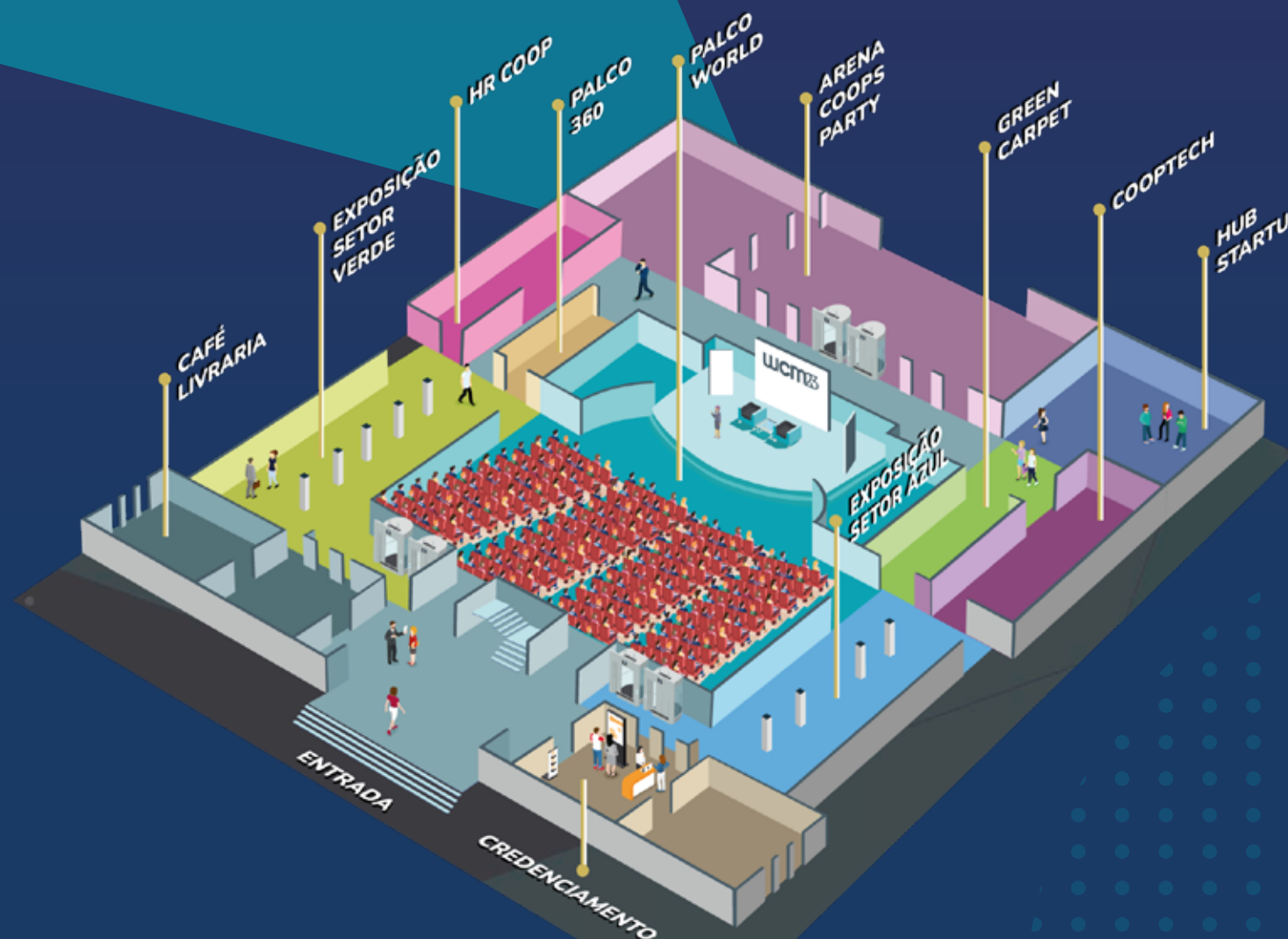
+10.000 congressistas no metaverso



+100 palestrantes e pensadores



+80 países



PALCO MUNDO

Nomes confirmados:



Marcos Pontes
astronauta e
senador da
República



Gustavo Borges
nadador olímpico e
empresário



Trebor Scholz
fundador da The News
School's Platform
Cooperativism Consortium



Paula Harraca
executiva,
empreendedora,
educadora e escritora



Marcos Frota
ator, produtor circense e
presidente do Instituto
Cultural ICASFA



Sharon Gai
ex-chefe global do
Alibaba



André Diamand
criador do Sexy
Canvas



Roberto Tranjan
empresário e
pesquisador



Serge Nawej Tshitemb'u
membro da Família
Real do Congo

No time de painelistas estão:

- Ana Aguirre, cofundadora e membro da Tazebaez S.Coop;
- Eduardo Varella Avila, diretor executivo da Revolusolar;
- Ana Paula Faria, vice-coordenadora do Comitê de Jovens do Sistema OCB, o Geração C;
- Elson Justino, diretor superintendente do Sicoob Crediminas;
- Siôn Whellens, diretor da Cooperativa de Comunicação Carverts;
- Violetta Nafpaktiti, diretora administrativa da DotCoop LLC;
- Samara Araujo, gestora de Marketing e do Sistema OCB; e
- Samuel Zanella Milléo Filho, gestor da área de Comunicação e Marketing do Sistema Ocepar.

A abertura oficial do WCM'23 no palco mundo será feita pelas seguintes lideranças: Graciela Fernández Quintas, presidente de ACI Américas; Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB; Ronaldo Scucato, presidente do Sistema Ocemg; e Luiz Branco, CEO da Wex e fundador do WCM.

O comando do palco ficará por conta de um trio de apresentadores que trarão toda a expertise para o evento: Renata Flores, jornalista, atriz, locutora e dubladora; Arthur Bruel, jornalista e mestre em television business; e Silvio Bugelli, empresário de educação, fundador da Metanóia.

CoopsParty

Espaço para conhecimento, inovação, tendência, tecnologia, empreendedorismo e educação. Uma arena dedicada a temas de maneira disruptiva, especialmente voltados para o público jovem. A proposta é criar um canal de comunicação direta entre os jovens e o setor cooperativo, visando engajá-los no futuro do cooperativismo. Uma experiência verdadeiramente inovadora e inclusiva.

HR Coop Conference

Ambiente voltado para transformação cultural, gestão estratégica de pessoas, liderança e governança, educação e treinamento, atração de talentos, diversidade e inclusão. Mais de 8 horas de conteúdo, com debates, tendências e casos práticos. Apresentações de representantes de RH e lideranças de dentro e fora do cooperativismo. Curadoria de conteúdo pensada para os desafios específicos das cooperativas.

Cooptech Summit

Evento pioneiro de inovação cooperativista, que acontecerá simultaneamente ao WCM, com o objetivo de fortalecer a cooperação. Mais de 16 horas de conteúdo, com debates, palestras e casos práticos de quem está inovando na prática.

Palco 360

Plataforma responsável por transmitir ao vivo as experiências e conteúdo ao público que participará do evento de forma remota. Serão mais de 30 palestrantes nesses dois dias de evento para a troca de ideias sobre cooperativismo.▶

SERVIÇO
O WCM'23 será preparado com o que há de mais atual do setor na área de gestão, inovação e oportunidades, de forma a profissionalizar ainda mais as lideranças dessas entidades. Mais informações sobre o WCM'23 acesse o site: wcm.coop/WCM23



De Minas para o mundo

Incentivadas pelo Sistema Ocemg, cooperativas mineiras exportam R\$ 9,8 bilhões para 59 países e ocupam o segundo lugar nacional no ranking de exportações cooperativistas

Por Alessandro Mendes

A busca pelo mercado internacional ganha, a cada dia, mais importância para as cooperativas mineiras, pois representa um caminho estratégico para o crescimento, a sustentabilidade e a diversificação de oportunidades. Ao expandir seus negócios para outros países, além de um potencial aumento de receita, é possível mitigar riscos associados à dependência do mercado local. Além disso, a exportação possibilita acesso a novos recursos, tecnologias e conhecimentos, estimulando a inovação e o aprimoramento da competitividade.

Das 803 cooperativas associadas ao Sistema Ocemg, 25 comercializam produtos e serviços no mercado externo. Foram, no total, R\$ 9,8 bilhões em vendas para 59 países, com destaque para o café (425,8 mil toneladas), a soja (309 mil toneladas), o milho (20,1 mil toneladas) e o algodão em pluma (1,1 mil toneladas). Os dados são da última edição do Anuário do Cooperativismo Mineiro.

Entre as cooperativas filiadas ao Sistema OCB e apoiadas pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), Minas Gerais é destaque, com o segundo lugar nacional no ranking de exportações cooperativistas. Em 2022, as coops de todo o País exportaram US\$ 7,36 bilhões, o que corresponde a mais de

R\$ 32,2 bilhões no câmbio atual ou a 2,2% de toda a exportação brasileira. Desse total, Minas Gerais foi responsável por US\$ 1,5 bilhão, ou 22%, atrás apenas do Paraná, que exportou US\$ 3,3 bilhões. O terceiro lugar ficou com Santa Catarina, com US\$ 1,4 bilhão.

Esse número mostra que as exportações de Minas Gerais vêm crescendo. Em 2021, 22 cooperativas do Estado exportaram US\$ 849,9 milhões. Ou seja, em apenas um ano, as vendas das cooperativas mineiras no mercado externo cresceram quase 76,5%.

“Ao buscar o mercado exterior, as cooperativas não apenas fortalecem seus próprios negócios, mas também contribuem para o desenvolvimento do país e de suas comunidades, promovendo o crescimento, a geração de empregos e a estabilidade financeira”, analisa o presidente do Sistema Ocemg, Ronaldo Scucato. “Esse papel ganha ainda mais importância devido ao modelo cooperativo, que tem entre suas premissas a sustentabilidade e a responsabilidade socioambiental, o que coloca as cooperativas na vanguarda da nova economia”.



Para o secretário de Promoção Comercial, Ciência e Tecnologia, Inovação e Cultura do Ministério da Relações Exteriores, Laudemar Gonçalves, as cooperativas deveriam, sim, buscar a internacionalização de seus negócios.

“Enquanto o mercado incorpora-se aos poucos ao ESG (sigla em inglês para ambiental, social e governança), o cooperativismo já tem isso em seu DNA. E é isso que tem potencializado o desenvolvimento inclusivo e sustentável do setor. O cooperativismo é a alternativa mais viável [de crescer no exterior], se compararmos a outros modelos de negócios, especialmente pelas pautas de combate à fome e produção sustentável”, destacou o secretário.

Café modelo exportação

Aqui em Minas, as cooperativas de produção de café foram as responsáveis por desbravar o mercado internacional e hoje colhem os frutos desse protagonismo. Para algumas delas, a exportação responde pela maior parte do faturamento. É o caso da Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé

(Cooxupé), líder brasileira na exportação de café por vários anos consecutivos, de acordo com o ranking do Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé).

Em 2022, a Cooxupé embarcou, para os mercados interno e externo, 6,8 milhões de sacas de 60 kg de café verde tipo arábica. Destas, 5,6 milhões (82,3%) foram destinadas ao mercado internacional, englobando mais de 50 países em cinco continentes. Entre os principais compradores estão os Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Itália e Japão.

Para garantir a qualidade do produto a ser exportado, a cooperativa mantém investimentos permanentes para a modernização de sua estrutura, que incluem armazenagem para mais de 6 milhões de sacas de café, laboratórios de controle de qualidade e análise de folha e solo, centro próprio de distribuição e cinco unidades industriais. Também realiza capacitações constantes com os produtores, de forma gratuita, com mais de 120 técnicos e agrônomos em campo.

“A Cooxupé começou a exportar em 1959. Antes disso, a produção era praticamente toda vendida para o governo. E, desde então, a cooperativa percebeu que o acesso ao mercado externo era muito importante para rentabilizar melhor o produtor”, afirma o superintendente comercial da Cooxupé, Luiz Fernando dos Reis. “De lá para cá, houve uma transformação. Aumentamos a produtividade, melhoramos a qualidade e trouxemos mais benefícios para os nossos associados.”

Disposta a fortalecer ainda mais sua atuação internacional, a cooperativa criou, em 2022, o protocolo de sustentabilidade Gerações, que traz requisitos e compromissos a serem cumpridos tanto pela cooperativa quanto por seus cooperados, levando em consideração o tamanho da produção, localização geográfica, experiências, objetivos, atividades e recursos.

Luiz Fernando destaca a importância das cooperativas para o crescimento da participação do café brasileiro no mercado internacional. “Nós somos mais de 275 mil produtores de café no Brasil. Se cada um for vender seu produto individualmente, com certeza vamos perder valor, porque são muitos ofertantes para poucos compradores”, afirma. “Então, é muito importante essa base forte das cooperativas, para que haja mais poder de barganha nas negociações, para que haja escala e melhores preços.”



“Nós somos mais de 275 mil produtores de café no Brasil. Se cada um for vender seu produto individualmente, com certeza vamos perder valor. É muito importante essa base forte das cooperativas, para que haja escala e melhores preços.”

*Luiz Fernando dos Reis,
superintendente comercial da Cooxupé*

Excelência premiada

Outra cooperativa mineira que vem se consolidando no mercado internacional é a Cooperativa Regional dos Cafeicultores do Vale do Rio Verde (Cocarive), com sede em Carmo de Minas, na região da Mantiqueira. Fundada em 1961, a cooperativa, por muitos anos, esteve voltada apenas ao mercado interno. Foi apenas em 2012 que ela fez as primeiras vendas internacionais: três contêineres para os Estados Unidos. De lá pra cá, o volume cresceu fortemente e hoje as exportações respondem por cerca de 65% da receita.



O gerente de Exportação da Cocarive, Wellington Pereira, conta que as cooperativas de café da Mantiqueira começaram a se interessar pelo mercado internacional depois que um produtor da região foi o vencedor do *Cup of Excellence* — principal concurso de qualidade do mundo para café, em 2001.

“Esse cafeicultor era o único na região que tinha um descascador de chão. Quando ele ganhou o prêmio, outros produtores entenderam que ter um equipamento como esse era um diferencial e, então, investiram nisso. Com isso, o café da Mantiqueira começou a melhorar, mais prêmios vieram e a nossa região ficou conhecida no mundo por ser um produto de muita qualidade”, recorda. De 2001 a 2022, os cafés da Mantiqueira ficaram 358 vezes entre os finalistas da *Cup of Excellence*.

Wellington conta que, com o destaque internacional obtido pela Mantiqueira de Minas, a Cocarive viu na exportação uma oportunidade de agregar valor para o produtor. Em 2010, a cooperativa começou um projeto com foco no mercado externo. No início, foram feitas algumas vendas, ainda no mercado interno, para empresas exportadoras.

No ano seguinte, houve a primeira participação em uma feira internacional, em Houston, nos Estados Unidos, para



Desde o início, nós focamos em um nicho específico de mercado: cafés especiais, mais compatível com a região da Mantiqueira, onde há uma qualidade excepcional. E isso deu muito certo, porque os clientes viram a qualidade do nosso produto. Aí, dos Estados Unidos fomos para a Europa, depois para a Ásia e Oceania. Atualmente, nossos principais mercados são o Reino Unido e a Bélgica.”

Wellington Pereira,
gerente de Exportação da Cocarive



apresentar o produto e prospectar clientes. Começaram, aos poucos, a abrir portas, até que veio a primeira venda, em 2012. Depois, uma parceria com um cooperado que vive há muitos anos nos Estados Unidos, passou a ser responsável pelas vendas aos torrefadores norte-americanos. Hoje, a Cocarive tem cinco armazéns de estocagem de café no país, com foco principalmente nos microtorrefadores.

“Desde o início, nós nos focamos em um nicho específico de mercado: cafés especiais, mais compatível com a região da Mantiqueira, onde há uma qualidade excepcional”, explica. “E isso deu muito certo, porque os clientes viram a qualidade do nosso produto. Aí, dos Estados

Unidos fomos para a Europa, depois para a Ásia, a Oceania. Atualmente, nossos principais mercados são o Reino Unido e a Bélgica.”

Wellington destaca que a expansão no mercado externo se deu em paralelo a um intenso trabalho de capacitação dos produtores e de mapeamento do café produzido na Mantiqueira, com estudo de solo, altitude e variedades em mais de 20 cidades.

“Produzir um café especial demanda educar o cafeicultor. Fizemos palestras e dias de campo para mostrar a eles a maneira correta de trabalhar para obter o melhor café possível e em quantidade. Muitos nem tinham os equipamentos necessários, então compramos e cedemos ao produtor,

para ele pagar em café no período de três anos”, conta.

Com todo o trabalho realizado pela cooperativa, dos três contêineres de 2012, que correspondem a 57.600 quilos de café, as exportações da Cocarive chegam a 6.150 toneladas, volume alcançado em 2022. E, segundo Wellington, o número só não é maior por falta de produto, porque demanda existe

“Hoje, temos cerca de 1,2 mil cooperados e a nossa região tem 8 mil produtores. E é aí que temos um potencial enorme para crescer”, destaca. “O volume que recebemos hoje dos nossos associados é insuficiente para atender o mercado externo. Então, nossos planos incluem expandir esse número”, completa.

Algodão

Quem também começa a ver os benefícios do comércio exterior são as cooperativas de produção de algodão. Com sede em Patos de Minas, a Cooperativa dos Produtores de Algodão do Estado de Minas Gerais (Cooperpluma) é uma delas. Fundada em 2004, ela atuou inicialmente apenas no mercado interno, devido a um acordo com o governo mineiro e à alta demanda deste mercado.

“Em 2002, houve uma lei estadual para incentivar a produção algodoeira no Estado. Nós temos um parque têxtil muito favorável, o quarto maior do Brasil. E essas indústrias demandavam matéria-prima local e de qualidade, mas a produção de algodão em Minas, naquela época, era praticamente zero”, conta o gerente administrativo financeiro da Cooperpluma, André Lopes da Silva. “Foi feito um acordo em que as indústrias se comprometeram a pagar ao produtor um valor maior do que a média nacional e, inclusive, também melhor do que era pago pelo mercado externo.”

Ainda segundo André, o interesse das cooperativas mineiras de algodão pelo mercado externo veio por volta de 2017, quando houve excesso de produção no Brasil e, como consequência, redução do preço. “Foi quando vimos a necessidade de escoar parte da produção para outros mercados. E temos feito isso desde então”, afirma.

O gestor destaca que, além de mudar a mentalidade do produtor, de convencê-lo das vantagens de exportar, um dos principais desafios enfrentados pela Cooperpluma foi aprimorar a qualidade do algodão para corresponder às expectativas do mercado internacional.



Toda a produção é sustentável e conta com rastreamento, o que é muito cobrado no mercado internacional. Nossa produtividade cresceu muito. Em 2004, era de cerca de 3.300 quilos por hectare. Hoje, já estamos com 4.800 quilos.”

*André Lopes da Silva ,
gerente administrativo financeiro da Cooperpluma*

“Fizemos muitas palestras, dias de campo, pesquisas. Temos, em parceria com a Associação Mineira de Produtores de Algodão (Amipa), uma fazenda experimental, onde testamos cultivares, fazemos adaptações ao nosso clima, altitude, testamos novas formas de plantio, desenvolvemos boas práticas. Além disso, toda a produção é sustentável e conta com rastreamento, o que é muito cobrado no mercado internacional”, enumera o gerente. “Nossa produtividade cresceu muito. Em 2004, era de cerca de 3.300 quilos por hectare. Hoje, já estamos com 4.800 quilos”, informa.

Na última safra, a Cooperpluma exportou 1,1 mil toneladas de algodão em pluma, o que corresponde a 4,4% da produção. Entre os principais mercados estiveram o Reino Unido, a China e a Turquia. Cerca de 15 propriedades forneceram o produto que foi para o exterior.

Segundo André, os planos da cooperativa são aumentar a exportação para, pelo menos, 25% da produção até o fim de 2026. “Estamos trabalhando com esse objetivo. Antes da pandemia da covid-19 e da guerra da Rússia e da Ucrânia, chegamos a exportar 15% da produção, mas esses dois eventos desaceleraram bastante o mercado internacional. Esperamos que as condições sejam favoráveis para que possamos voltar a crescer nesse mercado”, afirma o gestor.

Suínos

Outra cooperativa que também já busca o mercado externo é a Suinco Cooperativa de Suinocultores, com sede em Patos de Minas. As exportações começaram em 2015, principalmente para países da Ásia, África e América do Sul e do Norte. Segundo o diretor Comercial e Industrial da Cooperativa, Weber Vaz, os principais desafios no início foram adaptar os processos e áreas físicas às exigências internacionais.

No momento, devido ao cenário econômico, as exportações foram reduzidas ao mínimo, com foco em oportunidades de mercado em Hong Kong. Mas a ideia é ampliar quando possível.

“Esperamos que o cenário externo se restabeleça positivamente. A China vem aumentando seu plantel, se tornando mais independente. E com a Rússia e a Ucrânia, infelizmente em guerra, dificulta muito os processos. Esperamos que essa situação acabe logo”, afirma Weber. “Temos um mercado interno com enorme potencial de consumo e o externo pode ser explorado futuramente como oportunidade rentável de negócios”, completa.

O diretor destaca que a cooperativa teve benefícios ao vender para outros países. “Ter uma marca reconhecida também no mercado internacional é necessário e reforça toda a qualidade do nosso produto, o que agrada o mercado interno. Facilita a aceitação dos produtos por clientes muito exigentes”, conta.

EXPORTAÇÕES DAS COOPERATIVAS MINEIRAS EM 2022

 **+425,8 mil**
toneladas de café verde, sem torra

 **+309 mil**
toneladas de soja

 **+20,1 mil**
toneladas de milho

 **+1,1 mil**
toneladas de algodão em pluma

 **+329**
toneladas de carne suína

 **+108**
toneladas de miúdos suínos

 **+165,4**
toneladas de leite condensado

 **+36,9**
toneladas de creme de leite

 **+38,5 mil**
litros de bebidas lácteas

 **+15,1 mil**
quilos de mel

 **+2,5 mil**
quilos de própolis

Fonte: Anuário do Cooperativismo Mineiro 2023

PARCERIAS ESTRATÉGICAS PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS

Desde novembro de 2020, o Sistema OCB e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) mantêm uma parceria para ampliar a participação das cooperativas nas exportações brasileiras.

Nos dois primeiros anos do acordo, 27 cooperativas foram diretamente beneficiadas por esse convênio, participando de eventos internacionais de prospecção de negócios. Para 2023, a ApexBrasil reservou vagas para a participação de cooperativas em nove eventos internacionais, como feiras e rodadas de negócios, na Alemanha, Japão, Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos, México, China, França, Indonésia e Israel.

Outro trabalho que vem sendo realizado em parceria pelo Sistema OCB e a ApexBrasil é a indicação de oportunidades para cooperativas brasileiras em outros países. “Com isso, houve maior direcionamento na definição de ações de mercado internacional para o setor”, destaca a analista de negócios Layanne Vasconcellos, da Gerência de Desenvolvimento de Cooperativas do Sistema OCB. “Os números levantados em parceria com a Apex puderam nos auxiliar no processo de preparação das cooperativas para acessar novos mercados internacionais, bem como para propor a diversificação da lista de países compradores”, completa.

A parceria inclui, ainda, um trabalho de qualificação das cooperativas do ramo agropecuário, por meio do Programa de Qualificação para Exportação do Cooperativismo (Peiex Coop). O objetivo é capacitar cooperativas para aumentar

sua competitividade exportadora, oferecer produtos de qualidade e utilizar as modernas ferramentas de gestão empresarial. No fim do programa, cada cooperativa recebe um plano de negócios para exportação de um produto para um determinado país. O atendimento é gratuito e 100% digital.

Renovado em agosto de 2023 por mais dois anos, o acordo entre o Sistema OCB e a ApexBrasil passou a incluir também a biodiversidade amazônica e do Cerrado.

MAPA — Outro parceiro que tem ajudado o Sistema OCB a levar as cooperativas brasileiras para o mundo é o Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa). Em 2022, quatro cooperativas brasileiras participaram de feiras internacionais de alimentos apoiadas pelo ministério na África do Sul, Tailândia, Canadá e Estados Unidos.

Ciente da importância das feiras e de outras ações de promoção comercial para que as cooperativas ingressem em novos mercados, o Sistema OCB desenvolveu, também em parceria com o Mapa, uma edição especial da publicação *Análise Econômica – coletânea de inteligência de mercado, com informações sobre o que a cooperativa precisa para ser bem-sucedida em eventos de promoção comercial e, assim, conquistar novas oportunidades.* ▶

Acesse a publicação *Análise Econômica – coletânea de inteligência de mercado.*



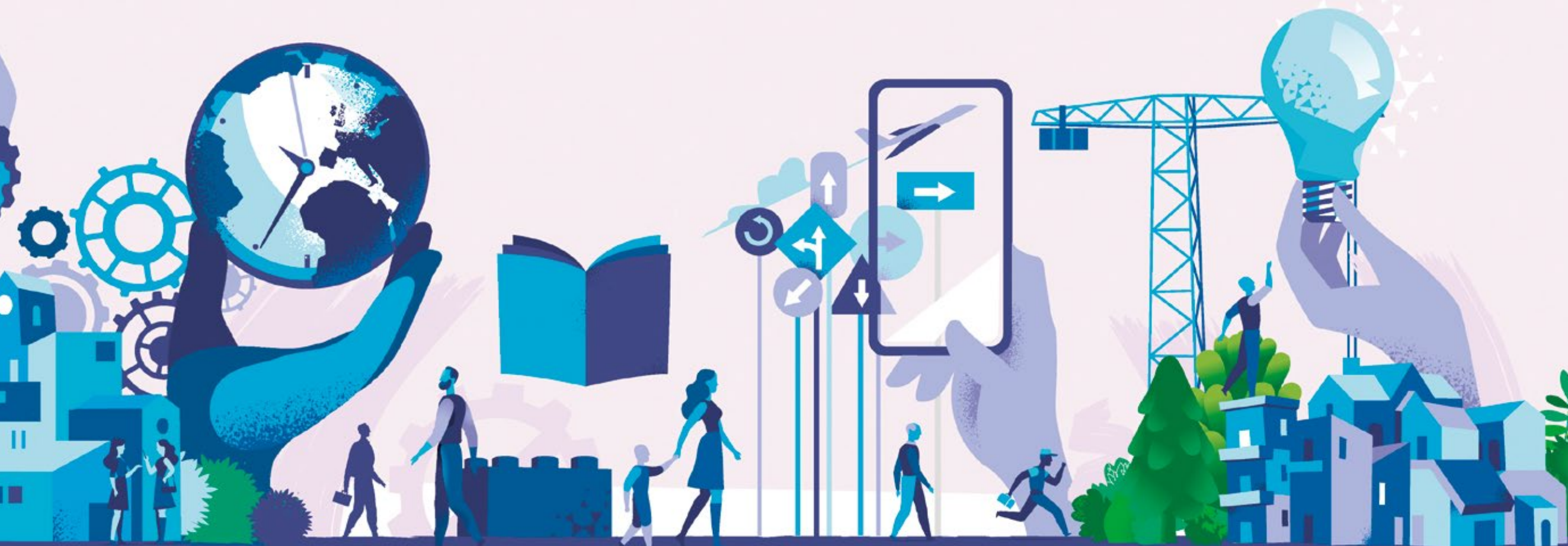
Conexão com o futuro

Cooperativas mineiras apostam em transformação digital para aumentar sua eficiência

Por Janaína Camelo

Já pensou em ter, na palma da mão e direto do celular, assinatura digital de contratos, cotações e informações de manejo da sua propriedade, sem as burocracias do atendimento convencional? Pois esta já é a realidade dos cooperados e colaboradores da Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Lajinha (Coocafé). A cooperativa lançou o aplicativo iCoop — uma alusão aos produtos criados por Steve Jobs. O app, que está disponível para os dispositivos Android e IOS, em menos de dois meses de lançamento, registrou mais de sete mil downloads.

“Mais da metade dos nossos associados aderiram ao aplicativo, de olho nos benefícios que ele proporciona”, comemora Maycon Palmeira, gerente de Tecnologia da Informação da Coocafé. “A aceitação do iCoop tem sido satisfatória e a tendência é que ela aumente com as novas funcionalidades que estão em processo de desenvolvimento.”



A partir da plataforma, o usuário tem acesso, de forma simples, a diversos tipos de funcionalidades:

- Acesso às informações da propriedade;
- Assinatura de contratos;
- Acesso às cotações;
- Extratos financeiros e informes de rendimentos;
- Relatórios detalhados da produção de café;
- Pagamentos de pedidos por cartão de crédito e PIX; e
- Informações sobre a previsão do tempo para que o produtor possa decidir sobre a aplicação de insumos em sua lavoura.

“Com os recursos já existentes no app, o cooperado ganhou comodidade para verificar os extratos dos cafés armazenados na cooperativa e as opções de pagamentos eletrônicos, podendo realizar essas e outras operações no conforto de sua casa”, explica Maycon.

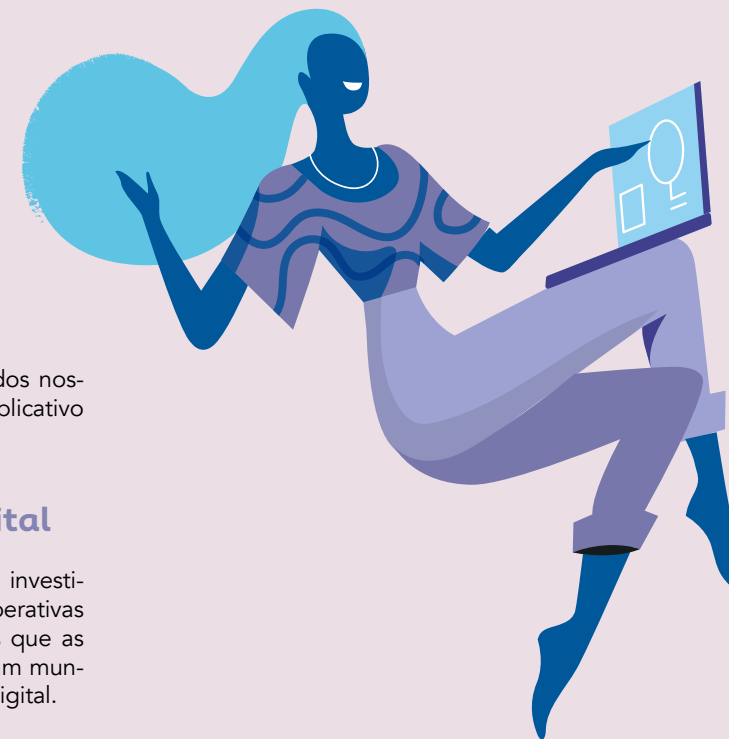
A Coocafé conta com mais de 10 mil cooperados, sendo a maioria da agricultura familiar. Ao todo, são cerca de 3 milhões de sacas de café produzidas ao ano, em mais de 70 municípios mineiros. Com a boa adesão à ferramenta, a cooperativa já pensa nos próximos passos e planeja uma série de melhorias para aprimorar a experiência do cooperado e conseguir chamar a atenção dos que ainda não utilizam o iCoop. Isso inclui a implementação de novas funcionalidades como: intenção de venda do café; acompanhamento do status das amostras do grão; supervisão da solicitação de busca até a classificação do produto; e a facilidade de associação à cooperativa e à gestão de recebimento de títulos.

“Além disso, estamos focados na expansão das opções de assinatura eletrônica, entre outras iniciativas. A incorporação de outros aplicativos mobile, como AppSicoob, Universidade Corporativa e Unimed, também é considerado um próximo passo para tornar o iCoop um SuperApp. Tudo isso visa a otimi-



Com os recursos já existentes no app, o cooperado ganhou comodidade para verificar os extratos dos cafés armazenados na cooperativa e as opções de pagamentos eletrônicos, podendo realizar essas e outras operações no conforto de sua casa.”

Maycon Palmeira,
gerente de Tecnologia da Informação da Coocafé



zar a interação e a satisfação dos nossos cooperados por meio do aplicativo iCoop”, destaca Maycon.

Transformação digital

O iCoop é um exemplo dos investimentos realizados pelas cooperativas mineiras em novas tecnologias que as ajudem a navegar melhor em um mundo (e mercado) cada vez mais digital.

“Nosso setor tem o desafio de facilitar, cada vez mais, a vida dos cooperados e clientes”, explica Alexandre Gatti Lages, superintendente do Sistema Ocemg. “É preciso buscar, sobretudo, ferramentas que ajudem na coleta e no armazenamento de dados que possam auxiliar nossos negócios. No campo, por exemplo, ter acesso fácil às informações precisas sobre previsão climática, vendas e produtividade é fundamental. E tecnologias avançadas que permitam essa eficiência estão cada vez mais presentes na vida do produtor rural.”

Um dos ramos que mais investe em novas tecnologias, no cooperativismo, é o Crédito. Nele, o processo de digitalização caminha sempre muito rápido, de acordo com as necessidades do consumidor e também às demandas do Banco Central do Brasil, que exige das instituições financeiras adequações tecnológicas para acompanhar a implementação de novas soluções que estão revolucionando a forma como lidamos com as nossas finanças, como o PIX, o open banking e, muito em breve, o Drex — nome da moeda digital brasileira, que será lançada no mercado até o final do ano de 2024 (veja quadro).

O Sicoob Credicom, sediado em Belo Horizonte, é uma das cooperativas mineiras de Crédito que vem investindo fortemente em inovação. Ela foi uma das pioneiras na construção de um laboratório de inovação que busca estimular o desenvolvimento da criatividade, a colaboração e a sustentabilidade na instituição, batizado de CredicomLab.

Também, do ramo crédito, o Sicoob AC Credi, da cidade de Governador Valadares, recentemente inaugurou um laboratório de inovação que simboliza o ensejo e o compromisso da instituição em inovar e ser um epicentro da criatividade em sua região.

“Há muito tempo entendemos que a tecnologia está transformando todos os fazeres humanos e as cooperativas vêm gradativamente integrando esse movimento irreversível. Em Minas Gerais, não tem sido diferente, e em todos os ramos do cooperativismo, a busca da eficiência e a própria necessidade de adotar tecnologias inovadoras para aprimorar seus produtos e serviços, vem crescendo”, acrescenta Alexandre Gatti Lages.

Inovação na saúde

Na capital mineira, uma cooperativa é referência nacional na área de inovação da Saúde: a Unimed BH. Durante a pandemia de Covid-19, a organização investiu pesado em telemedicina, oferecendo aos pacientes um novo modelo de assistência que trouxe praticidade, agilidade e segurança aos atendimentos de urgência, reduzindo a sobrecarga dos hospitais e consultórios da rede.

O reconhecimento foi imediato e, pelo terceiro ano consecutivo, a Unimed-BH aparece nas primeiras posições do *Prêmio Valor Inovação Brasil 2023*, na categoria Seguradoras e Planos de Saúde. Este ano, a Unimed-BH foi eleita a segunda empresa mais inovadora do setor. No ano passado, ela foi a primeira colocada e, em 2021, conquistou o 3º lugar do ranking — realizado anualmente pelo jornal Valor Econômico, em parceria com a Strategy&, consultoria estratégica da PWC, uma das maiores empresas de auditoria do mundo.

“Esse reconhecimento é fruto de um trabalho coletivo de nossos médicos cooperados, colaboradores e parceiros”, comemorou o diretor-presidente da Unimed-BH, Frederico Peret. “Todas as nossas iniciativas visam evoluir a experiência do cliente e a transformação da jornada de atuação do médico cooperado.”

Até maio deste ano, a Unimed-BH já havia realizado mais de 1 milhão de teleconsultas. No aplicativo, desde quando a ferramenta começou a operar, já são mais de 380 mil clientes cadastrados; 4,8 milhões de documentos clínicos acessados; e mais 9 milhões de exames médicos gerados por prestadoras de serviços. E o usuário ainda tem a facilidade de compartilhar seus dados de saúde com seu médico.



TIRA-DÚVIDA DREX

O que é o Real Digital?

O Real Digital ou DREX é um tipo de CBDC — sigla em inglês para moedas digitais emitidas por bancos centrais. Esses ativos permitem a incorporação de novas tecnologias e novos modelos de negócios por meios digitais de liquidação, como ocorre no sistema de criptomoedas, mas com regulação.

Qual será o valor do Real Digital?

A moeda virtual terá o mesmo valor do papel-moeda. A ideia é que o Real Digital seja um novo meio de pagamento totalmente digital para os brasileiros. A digitalização se dará por meio de processo de “tokenização”, que é a transformação de ativos reais em ativos digitais. De acordo com o Banco Central, esse mecanismo tem o potencial de promover maior eficiência das transações, porque os ativos digitais podem ser transferidos facilmente em aplicações descentralizadas e armazenados em contratos inteligentes.

Qual é o papel das cooperativas financeiras na implementação do Real Digital?

Um dos principais objetivos do Real Digital é incluir no sistema financeiro pessoas que ainda não têm acesso aos serviços bancários ou vivem em regiões remotas, tarefa que as cooperativas financeiras conhecem bem. Com 8.548 Postos de Atendimento, o cooperativismo tem a maior rede do sistema financeiro brasileiro. O cooperativismo financeiro está entre as 14 instituições escolhidas pelo Banco Central, entre mais de 100, para os primeiros testes do Real Digital e vem se preparando para promover o uso de mais uma ferramenta tecnológica a favor dos cooperados e de todos os brasileiros.



As pessoas poderão utilizar o Drex sozinhas?

Não. Para ter acesso à Plataforma Drex, você precisará de um intermediário autorizado, como uma instituição financeira. Esse intermediário fará a transferência do seu dinheiro depositado em conta para sua carteira digital do Drex, para que você possa realizar transações com ativos digitais e com total segurança. ▶

Crédito de carbono:

um novo mercado
para o coop

Além de fazer bem para o planeta e reduzir a emissão de gases de efeito estufa, gera retorno financeiro e vira diferencial competitivo para cooperativas

Por Freddy Charlson

O aquecimento global já é uma realidade. Em julho de 2023, o planeta quebrou três recordes: o dia mais quente da história (6 de julho), a semana mais quente e o mês mais quente dos últimos 174 anos. Em partes dos Estados Unidos, as temperaturas subiram acima de 50°C. Na Europa, mais de 40 pessoas morreram devido aos incêndios florestais que se espalharam pela região. Na Ásia, ondas de calor intensas e prolongadas estão ceifando vidas e ameaçando a segurança alimentar. Aqui, em Minas Gerais, em setembro, o Triângulo Mineiro registrou temperaturas de 39°C — cinco graus acima da média da região.

Atentas a essa realidade, as cooperativas mineiras começam a estudar maneiras de reduzir suas emissões de gases de efeito estufa (GEE). Essa decisão — além de ajudar no controle do avanço do aquecimento global — pode se transformar em uma maneira de incrementar os resultados financeiros da organização. Como? Negociando os gases que não foram liberados na natureza, com organizações interessadas em compensar suas emissões no mercado de crédito de carbono.

Na prática, um crédito de carbono é a representação de uma tonelada de CO₂ que deixou de ser emitida para a atmosfera, contribuindo para a redução do efeito estufa. Esses créditos são comercializados em dólar, em dois mercados distintos:

Mercado regulado — A Organização das Nações Unidas (ONU) acompanha os compromissos de emissão de gases do efeito estufa assumidos por cada país signatário do **Protocolo de Kyoto**. Aqueles que ultrapassam os limites de emissão estabelecidos ficam deficitários e podem adquirir créditos de carbono daqueles que conseguem cumprir as metas definidas para o período. O Brasil ainda não faz parte desse mercado, hoje dominado pela União Europeia, que responde por cerca de 90% da comercialização de todo o crédito de carbono do mundo.

Mercado voluntário — Nele, empresas e indivíduos compram créditos (por conta própria) para compensar as emissões de carbono. Essa forma de mercado é opcional, de modo que o crédito de carbono pode ser adquirido de forma voluntária

Tratado internacional ambiental de 1997 que determina compromissos mais rígidos para a redução da emissão dos gases do efeito estufa

por qualquer país ou empresa interessada em reduzir a emissão de CO₂. Os principais mercados voluntários de carbono estão localizados na Índia (23,1 milhões de toneladas de CO₂), nos Estados Unidos (14,4 milhões) e na China (10,2 milhões).

De acordo com a Câmara de Comércio Internacional (ICC Brasil), o Brasil tem potencial para gerar US\$ 100 bilhões em créditos de carbono até 2030. Esse valor é suficiente para suprir 37,5% da demanda global do mercado voluntário de créditos de carbono e 22% da demanda do mercado regulado pela ONU. Entre os setores produtivos que já estão gerando créditos para o país estão o de biocombustíveis, principalmente etanol, o da agricultura de baixo carbono e o da geração de energia limpa.

Oportunidade

As cooperativas brasileiras têm enorme potencial para ingressar no mercado de crédito de carbono. Ao fazerem isso — além de aumentar seus resultados financeiros —, estarão melhorando sua imagem e reputação.

“A sociedade está preocupada com os impactos no meio ambiente e com o bem-estar das pessoas, e a preferência — tanto dos consumidores quanto dos investidores — é por negócios atrelados a práticas mais sustentáveis”, explica Rouzeny Zacarias, analista de Educação e Desenvolvimento Sustentável do Sistema Ocemg.

Aqui em Minas, as movimentações em torno do mercado de crédito de carbono estão crescendo com iniciativas de neutralização e com muitas cooperativas iniciando seus inventários para uma futura operação no mercado, como é o caso da Cooxupé”, disse Zacarias.

Em linhas gerais, a cafeicultura é uma cultura “carbono negativo”, ou seja, estoca mais carbono do que emite. E quando se trata de lavouras sustentáveis, o balanço é ainda mais negativo, garantindo as condições necessárias para gerar créditos para o mercado de carbono. No momento, a Cooxupé trabalha justamente no inventário de carbono das lavouras de seus cooperados para levantar o potencial de créditos que poderá comercializar no mercado. Este processo está sendo conduzido com o apoio de universidades e especialistas de renome internacional no assunto.

“Cooperativas que desejam seguir um caminho em direção à sustentabilidade e ao mercado de carbono deveriam fazer como a Cooxupé, mapeando e colocando em números suas emissões e sequestros de CO₂”, explica Amanda Gorodicht, sócia e head de Marketing da O’green — empresa do Grupo Econom especializada em gestão de emissões de gases do efeito estufa.

DANDO O EXEMPLO

O Sistema Ocemg vem, desde o ano passado, reduzindo e neutralizando suas emissões de carbono e investindo em instalações mais sustentáveis. Ao realizar as neutralizações de carbono dos seus eventos, ele participa do mercado regularizado de carbono apoiando projetos chancelados pela Organização das Nações Unidas (ONU), da qual faz parte por sua assinatura com o Pacto Global, gerando um modelo de atuação para as cooperativas.

“Estamos tratando de negócios que agem em relação aos fatores de conservação do meio ambiente. Ou seja, que abordam temas tais como geração e descarte de resíduos, emissão de carbono, biodiversidade, desmatamento, poluição da água e do ar, reaproveitamento e tratamento da água, dentre outros. Para cada negócio, haverá uma forma de atuação que dependerá de uma análise de seu impacto ambiental e matriz de materialidade”, considera Alexandre Gatti Lages, superintendente do Sistema Ocemg.



Ainda de acordo com Amanda, para que as tratativas de gestão de carbono sejam confiáveis, é fundamental contar com o suporte técnico de uma consultoria especializada que garanta a assertividade nos cálculos, o uso de metodologias reconhecidas e a efetiva compensação das emissões.

“A participação das cooperativas no mercado de carbono pode realmente afetar os resultados financeiros desse modelo de negócios. Além disso, a adoção dessas iniciativas auxilia na atração e fidelização de clientes, principalmente considerando a nova geração”, conclui Amanda.

COMO AS COOPERATIVAS PODEM AJUDAR A LEVAR O MERCADO DE CARBONO AO PRODUTOR RURAL?



EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO

As cooperativas podem explicar aos colaboradores e cooperados como a captura e o armazenamento de carbono nas práticas agrícolas podem gerar receita adicional e contribuir para a sustentabilidade.



ACESSO A MERCADOS DE CARBONO

As cooperativas podem conectar os produtores rurais aos mercados de carbono, ajudando a negociar acordos de créditos de carbono com investidores em projetos agrícolas sustentáveis.



ASSISTÊNCIA TÉCNICA

É importante fornecer assistência técnica aos produtores rurais, ajudando os agricultores a adotarem métodos sustentáveis de manejo do solo, gestão de resíduos e uso eficiente de recursos.



APOIO FINANCEIRO

O processo de transição para práticas agrícolas de baixo carbono exige investimento. As cooperativas podem ajudar os produtores a acessarem financiamentos para implementar as mudanças.



AGREGAÇÃO DE DADOS E PROJETOS

Sempre que possível, reúna dados e informações sobre as práticas sustentáveis adotadas por seus cooperados. Isso é crucial para quantificar a redução de emissões de carbono resultante das práticas agrícolas e facilitar a participação dos agricultores em projetos de créditos de carbono.



MONITORAMENTO E VERIFICAÇÃO

Para os projetos de carbono é necessário monitoramento e verificação das reduções de emissões. As cooperativas podem auxiliar com sistemas de monitoramento e no fornecimento de dados aos compradores de créditos de carbono.



NEGOCIAÇÃO DE PREÇOS

As cooperativas podem ser agentes de negociação, garantindo preços justos aos produtores por seus créditos de carbono. Isso ajuda a incentivar a participação dos agricultores no mercado.



COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS

As cooperativas podem criar um ambiente, onde os agricultores compartilhem experiências nas práticas de baixo carbono. Isso ajuda a criar uma comunidade de aprendizado e apoio.



Entrevista

Amanda Gorodicht, Sócia e Head de Marketing da O'green, empresa do Grupo Econom especializada em gestão de emissões de gases do efeito estufa

O que significa ESG e qual a importância desse conceito?

ESG é uma sigla em inglês para *environmental* [meio ambiente], *social* e *governance* [governança], um conjunto de boas práticas ambientais, sociais e de governança corporativa relacionadas à gestão das empresas e à forma como elas se posicionam no mercado, sendo utilizado como parâmetro de sustentabilidade. Cada vez mais estes conceitos serão valorizados pelo público, pois mostra um compromisso das empresas com a sustentabilidade, o que aumenta a atratividade da empresa.

Qual é a visão da consultoria em relação ao mercado de carbono e como vocês participam?

Somos uma consultoria ambiental focada na gestão de carbono com soluções customizadas e toda a operação validada pela ABNT, ONU e seguindo o GHG Protocol. Por meio do Programa O'green de Descarbonização composto por cinco etapas, inserimos as empresas e eventos no mercado de baixo carbono, possibilitando inclusive que as empresas e eventos engajem outros *stakeholders* neste processo, expandindo a atuação destes de participantes para promotores de sustentabilidade.



Implementar estratégias sustentáveis aumenta a atratividade comercial das empresas, pois mostra propósito maior na sua atuação, destacando-a no mercado."

*Amanda Gorodicht,
Sócia e Head de Marketing da O'green*

Quais políticas relacionadas à redução de carbono estão sendo implementadas?

As políticas de redução das emissões são diversas e desenhadas a partir da operação de cada negócio, mas, de forma geral, compreende a substituição de alguns meios produtivos, combustíveis ou economia de recursos.

Como as regulamentações governamentais estão impactando o mercado de carbono e incentivando a transição para uma economia mais verde?

Algumas regiões do Brasil já começam a desenhar projetos que privilegiam empresas sustentáveis, como por exemplo a região de Ilhabela, que está construindo um projeto chamado IPTU Verde, que atribuirá desconto no IPTU das empresas, conforme seu comportamento sustentável.

Quais são os benefícios econômicos e financeiros para as cooperativas que adotam estratégias de sustentabilidade e participam do mercado de carbono?

Implementar estratégias sustentáveis aumenta a atratividade comercial das empresas, pois mostra propósito maior na sua atuação, destacando-a no mercado. Além disso, a imagem da marca se fortalece e a sensibilidade a preço tende a diminuir, pois o consumidor entende que consumir desta empresa é também cuidar do meio ambiente. Adicionalmente, investidores do Brasil e do mundo veem muito mais valor em empresas sustentáveis.

Quais são os principais mecanismos de precificação de carbono e como eles funcionam no contexto do mercado de carbono?

O mercado de crédito de carbono é mundial, onde empresas inscrevem seus projetos numa espécie de bolsa de créditos, projetos esses que evitam a presença de gases do efeito estufa na atmosfera. Toda a comercialização é feita em dólar e varia conforme demanda de mercado. ▶

AS 5 ETAPAS DO PROGRAMA O'GREEN DE DESCARBONIZAÇÃO:



MENSURAÇÃO

Cálculo da quantidade de gases do efeito estufa emitida pela sua operação com uma metodologia aprovada pela ABNT.



COMPENSAÇÃO

Neutralização das emissões por meio da compra de créditos de carbono de projetos validados pela ONU.



REDUÇÃO

Elaboração de um plano de ajustes operacionais para redução das emissões.



COMUNICAÇÃO

Criação de um plano de comunicação para divulgação interna e externa do conceito de operação carbono neutro.



ENGAJAMENTO

Construção de uma ferramenta personalizada para que seus clientes neutralizem as emissões geradas pela interação com sua operação.

Elo pelo social

Cooperativas de Governador Valadares unem forças em projeto de voluntariado que já beneficiou 30 mil pessoas em nove anos

Por Luana Lourenço

Quantas mãos são necessárias para construir o muro de uma creche? Ou para evitar que uma instituição de acolhimento de idosos seja fechada por não ter uma cozinha em condições de funcionamento? Em Governador Valadares, no leste de Minas Gerais, uma aliança cooperativista está conseguindo reunir mais de 10 mil voluntários para tarefas como essas e para várias outras frentes, objetivando a construção de um futuro melhor para as pessoas e para as comunidades locais.

Essa história começa em 2009, quando o Sistema Ocemg tinha acabado de criar o Dia de Cooperar, o Dia C, para mostrar à sociedade um pouco do que as cooperativas mineiras estavam fazendo pelas comunidades onde atuavam.

“Nosso time convidou as coops de Governador Valadares e região para fazerem parte”, recorda o presidente do Sistema Ocemg, Ronaldo Scucato. “Elas aceitaram, mas no início vinham separadas. Daí um dia eu provoqueei: por que vocês de Valadares não vêm juntos? Alguns anos depois, elas começaram a realizar ações sociais conjuntamente, gerando resultados cada vez melhores para a comunidade. Essa união, com o tempo, deu origem ao Ecoos — Elo Cooperativista Social, um projeto de intercooperação que é exemplo para as cooperativas de todo o Brasil”.

Oficialmente lançado em 2014, o Ecoos reúne cinco organizações cooperativistas: a Cooperativa Agropecuária Vale do Rio Doce (Cooperiodoce), o Sicoob AC Credi, o Sicoob Crediriodoce, a Unimed Governador Valadares e a Unimed Intrafederativa. Juntas, elas participam de uma aliança que tem mostrado, na prática, como o cooperativismo transforma a realidade por meio da ajuda mútua, indo muito além de um modelo de negócios.

“A primeira grande realização do Ecoos foi justamente a integração entre nossas cooperativas, as diretorias, nossos colaboradores, os cooperados e a comunidade de forma geral”, pondera o presidente da Cooperiodoce, João Marques.



INSTITUIÇÕES BENEFICIADAS COM AÇÕES DO ECOOS – ELO COOPERATIVISTA SOCIAL

- Lar dos Velinhos
- Creche Brilho de Turmalina
- APAE Governador Valadares
- Missão Vida
- Acolhe Vida
- Associação Santa Luzia
- Casa de Recuperação Dona Zulmira
- Cidade dos Meninos
- Instituto Espírita Nosso Lar
- Associação de Acolhimento aos Dependentes Químicos e Familiares – ADQF

ECOOS
ELO COOPERATIVISTA SOCIAL

Impacto social

Prestes a completar dez anos, a aliança entre as cooperativas valadarenses tem ajudado a melhorar a região com ações sociais que buscam saciar a fome, promover a saúde e a melhorar a infraestrutura de espaços coletivos. Existem, ainda, projetos que alimentam a alma, com direito à música e poesia.

Na Creche Brilho de Turmalina, em um dos bairros de maior vulnerabilidade social de Governador Valadares, a intercooperação ajudou a tirar do papel uma obra que era grande demais para a instituição realizar sozinha.

“Nós tínhamos a necessidade de murar a creche. Na verdade era um sonho, nosso sonho era fazer esse muro. E as cooperativas vieram para fazer o muro e fizeram muito mais coisas. Vendo a necessidade de calçar o pátio – porque antes era tudo terra, havia muito barro – conseguiram também fazer



**Quando decidimos
fazer uma aliança, o
objetivo foi mostrar
para a população o
que o cooperativismo
é capaz de trazer
em termos de
desenvolvimento
regional, mostrar o
que podemos fazer
juntos.”**

*Ivo de Tassis Filho,
presidente do Ecoos.*

o piso. E também arrumaram a estrutura da cozinha, a pia, consertaram cerâmicas que estavam quebradas”, lembra a pedagoga da creche Brilho de Turmalina, Magna Lúcia.

No Lar dos Velinhos da Sociedade São Vicente de Paulo, a ação da aliança entre as cooperativas mineiras foi determinante para manter a instituição de portas abertas e garantir abrigo para cerca de 30 idosos. Em 2014, a casa de repouso corria o risco de ser fechada porque a cozinha do lugar não atendia às condições da Vigilância Sanitária.

“O Ministério Público queria fechar a instituição porque a cozinha não estava de acordo com as normas sanitárias. E são coisas difíceis de exigir para quem vive de doações. Por meio do Ecoos, juntamos

os recursos e fizemos uma cozinha nova, dentro dos padrões da Vigilância Sanitária, com equipamentos novos”, recorda o presidente do Conselho de Administração do Sicoob AC Credi, Ivo de Tassis Filho, que também preside atualmente o Ecoos.

A reforma da cozinha do Lar dos Velinhos é só mais uma das ações realizadas pelo projeto intercooperativo, em quase dez anos de atuação. A lista é bem grande, com projetos que beneficiam diretamente dez instituições de Governador Valadares e região (veja quadro) e centenas de ações desenvolvidas em várias áreas ao longo dos anos.

Juntas, as cooperativas do Ecoos também já desenvolveram campanhas de arrecadação de alimentos, de doação

de recursos para instituições beneficentes, de atendimento à saúde em regiões carentes, de incentivo à doação de sangue e medula, além de iniciativas educacionais, ambientais e de cidadania.

Segundo Tassis Filho, a aliança valadarenses já beneficiou mais de 30 mil pessoas, resultado viabilizado pela intercooperação, a ajuda mútua que move o cooperativismo. “Quando decidimos fazer uma aliança, o objetivo foi mostrar para a população o que o cooperativismo é capaz de trazer em termos de desenvolvimento regional, mostrar o que podemos fazer juntos. Além de ser um sistema de gestão extremamente justo e democrático, o cooperativismo tem compromisso com a comunidade em que está inserido”, explica.

Novos rumos

O respeito à diversidade é uma das principais marcas do Ecoos. Assim como o projeto reúne cooperativas de três ramos — Agropecuário, Crédito e Saúde —, as iniciativas sociais também são plurais e independem da área de atuação das coops.

“Nosso critério é atender a quem precisa, colocando em prática o 7º princípio cooperativista, que trata do compromisso com a comunidade”, destaca Tassis Filho, presidente do Ecoos.

Os projetos que recebem o apoio dessa aliança intercooperativa são definidos de forma conjunta, de acordo com as necessidades e o contexto social da região. Durante a pandemia de Covid-19, por exemplo, as cooperativas da coalizão se mobilizaram para produzir e doar 400 mil máscaras, distribuíram álcool gel e produtos de limpeza em bairros pobres e mantiveram o suporte às entidades assistenciais em um momento em que as doações ficaram limitadas.

Para garantir que as ações sociais sejam cada vez mais assertivas, a definição dos projetos do Ecoos passará a ser feita com o auxílio de uma ferramenta que tem sido grande aliada do cooperativismo: a análise de dados.

“Começamos uma nova etapa, com o apoio do Laboratório de Inovação do Sicoob AC Credi, em que estamos buscando o que cada cooperativa vê de mais interessante e premente para que a gente possa aplicar os nossos esforços em cima daquele objetivo”, antecipa Tassis Filho.

Segundo João Marques, da Coaperiodoce, nesta nova etapa,

o Ecoos também pretende investir em projetos com benefícios mais duradouros para as comunidades. “Estamos fazendo uma reestruturação, fizemos um planejamento estratégico e vamos propor ações mais duráveis, mais perenes, para dar continuidade a essa grande mobilização cooperativista no Vale do Rio Doce”.

A ideia é também desenvolver indicadores para medir o impacto das ações sociais do grupo e poder apresentar à sociedade as contribuições das cooperativas para o desenvolvimento da região. “Trabalhando de forma mais científica, mais profícua, temos a melhor aplicação dos recursos, com mais direcionamento, e fica mais fácil medir os resultados das ações que a gente faz”, pondera Tassis Filho.

Arte e cultura

Além dos projetos com resultados que podem ser contados em números e cifras, o Ecoos desenvolve iniciativas que têm um valor incalculável e alimentam a alma e o coração. A aliança cooperativista sabe que a conexão com as comunidades também se dá por meio da cultura, e por isso tem uma série de atividades que valorizam a arte, o conhecimento popular e as tradições da região.

Uma delas é o GV Canta Cooperativismo, concurso musical voltado para músicos profissionais e amadores que premia composições inspiradas nos princípios e valores do cooperativismo. O evento já está na quinta edição e as canções selecionadas são gravadas em estúdio profissional como parte do prêmio.

Já o Concurso Poeta da Melhor Idade aposta na sabedoria de



quem já viveu muito para contar o cooperativismo em versos e incentivar a produção cultural por pessoas com mais de 60 anos.

A iniciativa cultural mais recente da aliança cooperativista, criada em 2022, é o concurso de fotografia Coop em Foco, que premia trabalhos fotográficos inspirados no cooperativismo.

Todos os anos, uma grande festa junina organizada pelo Ecoos combina as atividades culturais e sociais da aliança. O tradicional Arraiá Solidário reúne a comunidade em uma festa com comidas típicas da região e o dinheiro arrecadado é destinado às instituições apoiadas pelas cooperativas. ▸

SERVIÇO:
Para conhecer melhor o Ecoos - Elo Cooperativista Social, acesse o site e as redes sociais do programa.

Site



Instagram



Facebook



Ser coop é diferencial competitivo

Carimbo SomosCoop identifica produtos e serviços produzidos por cooperativas e pode ajudar a alavancar as vendas da sua



Por Selma Figueiredo

Duas em cada dez cooperativas mineiras carregam, com orgulho, o carimbo SomosCoop em seus produtos e serviços. Elas fazem isso para mostrar ao consumidor do século XXI o seu maior diferencial: fazer parte de um modelo de negócios ético, transparente, que valoriza as pessoas, respeita a diversidade e cuida, com responsabilidade, do futuro do planeta — atributos associados ao universo coop.

Criado em 2018 para identificar os produtos e serviços produzidos por cooperativas, o carimbo SomosCoop pode ser utilizado por organizações de todos os ramos. Aqui, em Minas Gerais, 151 coops aderiram ao selo, aplicando-o nas embalagens de produtos, uniformes, espaços físicos, automóveis e peças de comunicação. Os ramos com maior adesão são Saúde (64), Crédito (51) e Agropecuário (20).

“Quando o consumidor entra em contato com o carimbo SomosCoop, ele sabe que está vindo de um movimento cooperativista, que trabalha as questões primárias da sociedade como justiça, distribuição de renda, educação e preservação do meio ambiente”, afirma Fernando Cerqueira, diretor-presidente da Cooperativa dos Cafeicultores da Região de Lajinha (Coocafé), que existe há 44 anos e possui 9 mil cooperados. A organização aplica o selo em peças de comunicação, brindes, uniformes e até mesmo na fachada de sua sede.

A Cooperativa Agropecuária Vale do Rio Doce, detentora da marca Ibituruna, também aderiu ao carimbo SomosCoop. Desde 2020, ela utiliza o selo nas embalagens de todos os seus produtos.

“O carimbo agrega valor a nossa marca, posicionando nossa cooperativa como uma instituição ética e sustentável. Temos trabalhado para fortalecê-lo e fazê-lo ser amplamente conhecido em nossas áreas de atuação, a fim de valorizar ainda mais a cadeia produtiva do leite”, defende João Marques, presidente da cooperativa. “O carimbo veio para coroar nossos esforços em prol do cooperativismo mineiro, demonstrando o quanto o sistema cooperativista é pujante.” ▶

SERVIÇO

O Sistema Ocemg convida todas as cooperativas mineiras a aderirem ao carimbo SomosCoop. A inclusão da marca em produtos e serviços é totalmente gratuita. Basta acessar o site do SomosCoop, entrar na “Central da Marca”, fazer o cadastro e baixar as diversas opções de uso do carimbo disponíveis. O único pré-requisito é estar devidamente registrada e regular no cadastro do Sistema Ocemg.

Baixe agora o Manual da Marca do carimbo SomosCoop



Inteligência artificial:

da ficção para a realidade

Veja como ela pode ser aplicada, na prática, em sua cooperativa



Por Débora Brito

O futuro já chegou nas cooperativas mineiras. Inovador desde sua origem, o cooperativismo entrou na era da inteligência artificial e já vem colhendo frutos do uso de novas tecnologias.

Do Chat GPT aos *dashboards* (painéis de dados), as ferramentas e os algoritmos de inteligência artificial (IA) — que reproduzem parcialmente o raciocínio ou o comportamento humano — estão presentes em diversos processos das cooperativas de diferentes setores.

Na área da saúde, a Unimed-BH já aplica 21 modelos de inteligência artificial em sua operação e tem outros 15 modelos em desenvolvimento e experimentação, principalmente na área de regulação da saúde e acesso aos serviços. Em um dos modelos, a cooperativa já alcançou mais de 1 milhão de solicitações de procedimentos de saúde autorizadas com o uso de IA.

“Este modelo traz maior agilidade nas respostas das autorizações, que são liberadas em poucos segundos pelo sistema. Também otimiza o tempo das equipes de médicos auditores, que passam a focar mais tempo e atenção nos casos que necessitam de uma avaliação clínica criteriosa”, disse Frederico Peret, diretor-presidente da Unimed-BH.

O uso da tecnologia permitiu reduzir em 66% o número de Notificações de Investigações Preliminares (NIP) recebidas pela Unimed-BH por questões relacionadas ao tempo para autorização das guias.

Outro modelo de IA utilizado pela cooperativa mineira identifica grupos específicos de clientes, como gestantes, pacientes com risco aumentado de utilização assistencial, pacientes com comorbidades específicas, feridas crônicas, entre outros. De posse dessa informação, é possível avançar na personalização do atendimento aos clientes.

A Unimed-BH tem investido, ainda, na experimentação de três iniciativas, duas delas com *startups*, utilizando as chamadas IA generativa — capazes de criar novos conteúdos, como textos, imagens, músicas, áudios e vídeos, como faz o Chat GPT. “Estamos usando essas tecnologias para fazer a coleta automatizada de diversos dados, de vários sistemas, durante a internação do cliente”, explica Peret.

Ainda, segundo o executivo, a inteligência artificial já faz parte da realidade de muitas empresas pelo mundo, incluindo as cooperativas. “Usá-la a nosso favor, de forma a melhorar processos operacionais, é uma forma de otimizar o trabalho e melhorar a experiência dos clientes. A eficiência de custos também é um fator importante na área de tecnologia em saúde”, conclui.



Intercâmbio

O uso de novas tecnologias inovadoras pelas cooperativas será um dos temas centrais do World Coop Management (WCM) 2023 (veja na página 30).

Entre os palestrantes de destaque na programação do Palco Mundo está Sharon Gai, ex-chefe global da maior plataforma de comércio eletrônico da China, o Alibaba. Canadense nascida na China, Sharon se notabilizou no mercado de comércio eletrônico e marketing digital com o desenvolvimento da metodologia *Culture Fluid* — que defende uma gestão de negócios capaz de fazer a ponte entre diferentes culturas, faixas etárias e culturas corporativas. Objetivo? Utilizar a diversidade como estratégia para potencializar os resultados de um empreendimento.

Em entrevista exclusiva à Revista Cooperação, Sharon explicou que a mentalidade *Culture Fluid* envolve três aspectos:

1. **Relativismo cultural:** exige da liderança a consideração do contexto cultural em que a organização está inserida, pois o que funcionou em um país ou em um período histórico, pode não funcionar em outro da mesma forma ou entre gerações diferentes.
2. **Fluidez:** nessa metodologia, significa adotar a ideia de que a mudança é a única constante. “Aqueles que se adaptam rapidamente a um ambiente em mudança são capazes de serem mais resilientes em períodos disruptivos. Ninguém pode prever o futuro. Desde fatores da macroeconomia até movimentos dos competidores,

o mundo dos negócios está em constante mudança. O objetivo é ter a graça de saber o que não podemos mudar, a agilidade para mudar o que podemos e o discernimento para saber a diferença”, disse Sharon.

3. **Pensamento dialético:** habilidade para ver temas de múltiplas perspectivas e chegar ao mais econômico e razoável acordo com informações contraditórias e não na lógica simples linear.

Sharon explica que criou essa metodologia porque, frequentemente, no mundo dos negócios, os gestores desenham um único caminho para a solução de problemas ou crescimen-



As cooperativas podem efetivamente utilizar a inteligência artificial para benefícios mútuos e inovação. Mas antes de mergulhar na IA, elas devem primeiro compreender suas próprias necessidades e seus desafios.”

Sharon Gai,
ex-chefe global do Alibaba

to do empreendimento. “A verdade é que existe uma gama de possibilidades para solucionar um mesmo problema. A mentalidade *Culture Fluid* nos lembra que devemos ser ágeis, holísticos e resilientes em face das forças de mudança e disrupção”, afirmou.

A ex-chefe global do Alibaba destaca que, por meio desse método, as cooperativas podem fortalecer as relações e o respeito mútuo entre os cooperados, além de aumentar a adaptabilidade às mudanças das necessidades dos cooperados, da legislação e das condições de mercado.

“A mentalidade *culture fluid* também pode contribuir para tornar a tomada de decisão mais holística, ampliar o alcance das necessidades da comunidade, bem como encorajar as cooperativas a serem mais inovadoras e ajudá-las a permanecerem relevantes neste cenário socioeconômico em expansão”, enumera.

Sobre o uso de inteligência artificial no cooperativismo, Sharon ressalta ser necessário adaptar a tecnologia às necessidades e particularidades do modelo cooperativista.

“Considerando a sua forma única de propriedade e estrutura operacional, as cooperativas podem efetivamente utilizar a inteligência artificial para benefícios mútuos e inovação. Mas antes de mergulhar na IA, elas devem primeiro compreender suas próprias necessidades e seus desafios”, ensina.

De acordo com Sharon, o primeiro passo para implementar o uso de IA dentro de uma cooperativa é olhar para as soluções capazes de servir diretamente aos cooperados. “As cooperativas podem fazer parcerias com empresas de tecnologia, universidades e instituições de pesquisa que já tenham desenvolvido soluções de IA que atendam às necessidades de seus cooperados”, defende. Vale também considerar o estabelecimento de uma plataforma intercooperativa, que sirva como um espaço para diferentes cooperativas compartilharem recursos e conhecimento nessa área.

Também é igualmente essencial estabelecer parâmetros éticos para o uso de IA, para garantir que qualquer integração com a tecnologia esteja baseada em princípios de privacidade, justiça e transparência, e sempre ouvir os cooperados.

“Enquanto a IA se torna cada vez mais integrada nas cooperativas, é essencial estabelecer rodadas regulares de feedback com os cooperados. Suas considerações são cruciais para afinar as soluções de IA de acordo com suas necessidades e expectativas. Os cooperados devem ser encorajados a pensar fora da caixa”, comenta Sharon.

Organizar eventos como hackathons, debates de ideias ou laboratórios de inovação são algumas das sugestões que Sharon dá para os cooperados apresentarem e prototiparem suas ideias de uso da inteligência artificial. Essas e outras recomendações e estratégias serão compartilhadas por ela durante o WCM 23, em sua segunda passagem pelo Brasil.

Benefícios

As implicações do uso da inteligência artificial no cooperativismo também foram debatidas nacionalmente durante a 2ª Semana de Competitividade do Sistema OCB, realizada no último mês de agosto.

“Quando falamos de inovação, estamos nos referindo ao uso de novas tecnologias e ferramentas digitais. A inteligência artificial se destaca como uma tecnologia capaz de abordar diversos desafios enfrentados pelas cooperativas, seguindo uma tendência que também se aplica ao cooperativismo”, disse Guilherme Costa, Gerente do Núcleo de Inteligência e Inovação do Sistema OCB.

De acordo com Guilherme, são vários os benefícios que o cooperativismo pode tirar do uso da inteligência artificial, como a automação de tarefas operacionais, além do desenvolvimento de novas ideias e produtos, otimização e aceleração de processos.

“Ao adotar a IA em nossas operações, nós, do Sistema OCB, queremos fortalecer o cooperativismo no Brasil, oferecendo serviços mais eficazes aos membros e embasando decisões informadas em um cenário empresarial em constante evolução”, ressalta.

De fato, como bem explicou o gerente de inovação e inteligência da Casa do Cooperativismo, quase toda grande cooperativa utiliza a IA de alguma maneira. No ramo Agropecuário, é comum o uso de drones para coleta e análise de dados da propriedade, facilitando o processo de tomada de decisões.

Outras apostas são a conectividade 5G e a automação de processos de plantio e colheita, com o objetivo de melhorar o controle de estoque e otimizar a produção, aumentando o potencial para práticas agrícolas mais eficientes e maior produtividade.

No caso do ramo Crédito, a inteligência artificial pode ser utilizada para uma avaliação mais precisa dos riscos de crédito por meio da implementação de modelos supervisionados. Outro uso comum é o suporte ao cliente 24 horas por dia, por meio de *chatbots* e assistentes virtuais, como é o caso do Theo, assistente virtual do WhatsApp do Sicredi, desenvolvido com o propósito de resolver dúvidas e realizar serviços para melhorar a experiência do cliente.

Desafios

Apesar do crescente interesse das cooperativas por novas tecnologias, ainda há muitos desafios antes da massificação do uso de IA em nosso setor. O principal deles ainda é o investimento, pois a implementação bem-sucedida de soluções de IA muitas vezes requer recursos substanciais, tanto em infraestrutura tecnológica quanto em treinamento de pessoal.

Guilherme Costa, gerente do Núcleo de Inteligência e Inovação do Sistema OCB, enfatiza ser fundamental aceitar e colaborar com a adoção das tecnologias, além da educação e conscientização dos cooperados.

“Membros e funcionários das cooperativas precisam compreender os benefícios da IA e como ela pode ser aplicada em seus processos diários. A conscientização desempenha um papel crucial na adoção bem-sucedida dessa tecnologia”, destaca.

Com a regulamentação em constante evolução em torno da IA, o gestor alerta que as cooperativas precisam estar cientes das leis e ressaltar ainda a proteção de dados e a segurança como desafios significativos, devido à exigência de medidas rigorosas de privacidade para manipulação de grandes volumes de dados na IA, em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) no Brasil.

“Integrar sistemas de IA com sistemas legados mais antigos pode ser um obstáculo técnico, exigindo planejamento cuidadoso e investimentos em integração para garantir que a IA funcione bem com as infraestruturas existentes”, explicou. ▶



Membros e funcionários das cooperativas precisam compreender os benefícios da IA e como ela pode ser aplicada em seus processos diários. A conscientização desempenha um papel crucial na adoção bem-sucedida dessa tecnologia.”

Guilherme Costa,
gerente do Núcleo de Inteligência e Inovação do Sistema OCB

EM UM CLIQUE VOCÊ CONFERE OS DADOS QUE MOSTRAM O CRESCIMENTO DO COOPERATIVISMO MINEIRO E OS RESULTADOS MAIS RECENTES DO SEGMENTO.



Baixe o aplicativo de Informações Socioeconômicas do Cooperativismo em Minas ou acesse o site anuariomineiro.coop.br.

Você por dentro do cooperativismo em Minas! SomosCoop.

Acesse o aplicativo pelo QR Code

iPhone



Android





Programa construído com base em três pilares:

Econômico

Ambiental

Social

*Uma iniciativa inovadora do Sistema Ocemg que **beneficia 46 instituições filantrópicas**, que impactam mais de **4 milhões de pessoas***



*Atende 10 dos 17 **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU***

***Destaque na COP 26 e na COP 27** entre os cases de sucesso apresentados pelo Sistema OCB e pelo Governo de Minas*



R\$ 33 milhões em investimento direto para Minas